

geografia epistolar

pedro rena & urik paiva (org.)

geografia epistolar

surrealpolitik edições

pedro rena & urik paiva (org.)

belo horizonte, 2020

Coordenação editorial

Pedro Rena e Urik Paiva

Projeto gráfico

Gabriela Abdalla e Pedro Rena

Imagem da capa

Esses pedaços para ti, América

de Eduardo Hargreaves. Foto: Victor Galvão.

Revisão

Joice Nunes

[2020]

surrealpolitik edições

www.surrealpolitik.cartografia.org

sumário

| | |
|---|-----------|
| cartas, mapas, trânsitos | 11 |
| órbita | 16 |
| <i>de urik paiva para pedro rena</i> | |
| once in a life time | 21 |
| <i>de pedro rena para urik paiva</i> | |
| atração | 25 |
| <i>de andré elias para pedro rena</i> | |
| perguntas | 27 |
| <i>de carina s. gonçalves para marília garcia</i> | |
| delicadeza | 35 |
| <i>de marina baltazar para josé leonilson</i> | |
| turbulências | 40 |
| <i>de rita pestana para augusto barros</i> | |
| Fragmentos em maiúscula | 43 |
| <i>de clara delgado para flávio henrique</i> | |

| | | | |
|--|----|---|-----|
| enunciados, chuvas | 52 | queda | 103 |
| <i>de urik paiva para breno henrique</i> | | <i>de benedito ferreira para pio vargas</i> | |
| a noite nunca é plena | 59 | a propósito de estrelas | 106 |
| <i>de marcelo castro para eleonora fabião</i> | | <i>de arthur nogueira para adília lopes</i> | |
| início, meio, início | 68 | a dança dos mortos | 108 |
| <i>de joviano maia para nego bispo</i> | | <i>de paulo bittencourt para fabiano calixto</i> | |
| gôndolas, redes de balanço | 71 | sussurro sob a lua | 110 |
| <i>de roberto medeiros para cláudio oliveira</i> | | <i>de nina gazire para carol macedo</i> | |
| carta para alguém bem longe | 79 | há sempre vida | 115 |
| <i>de susanna kahls para olga</i> | | <i>de carol macedo para nina gazire</i> | |
| repeat | 83 | sem artifício | 118 |
| <i>de pedro rena para gabriela abdalla</i> | | <i>de dora bellavinha para manojl ricardo de lima</i> | |
| bonjour monsieur | 89 | giro em falso | 124 |
| <i>de gabriela luíza para randolpho lamonier</i> | | <i>de maraíza labanca para rodrigo brum</i> | |
| olhos fechados | 94 | sonho inventado | 127 |
| <i>de luiz fortini para manu julian</i> | | <i>de glauco gonçaves para waly salomão</i> | |
| sempre fomos malucos | 99 | das tripas coração | 131 |
| <i>de manu julian para luiz fortini</i> | | <i>de thárita motta</i> | |

| | |
|---|------------|
| os pequenos países | 135 |
| <i>de urik paiva para dante</i> | |
| coleção | 141 |
| <i>de pedro rena para mariana machado</i> | |
| olhos em lampejos | 149 |
| <i>de maria trika para lina</i> | |
| jogar linhas | 155 |
| <i>de marina rima para mauro figa</i> | |
| a alguém que nasce | 161 |
| <i>de kima para tereza</i> | |
| nenhum negar | 163 |
| <i>de guilherme del debbio</i> | |
| do começo (ao fim) | 166 |
| <i>de lislely braun</i> | |
| projeto surrealpolitik | 169 |
| sobre os organizadores | 170 |
| remetentes e destinatários (as) | 172 |
| crédito das imagens | 181 |

cartas, mapas, trânsitos

[**Texto provisório**] Nem um conflito nuclear, nem uma revolta da inteligência artificial, ou mesmo uma invasão extraterrestre — o mundo foi rendido por um vírus. Pensar nesses seres microscópicos aponta que há muitos mundos convivendo neste mesmo planeta, incluindo o desses inimigos dúbios e poderosos. Enquanto a ciência tenta combater com seus meios o novo coronavírus, vemos milhões de doentes e milhares de mortos, cidades paradas, vidas aquarteladas. Alguns filósofos se prestam a exercitar o pensamento para investigar este acontecimento de escala global. Com essa companhia, esboçamos a pergunta: como estabelecer mundos possíveis a partir deste — paralisado, amedrontado? Pois se há muitos mundos dentro deste, então podemos nos permitir ainda imaginar outros, inventá-los: eis um gesto da arte e da política desde sempre; agora, no meio de uma crise apocalíptica, ele parece fundamental.



Entre as operações de pensamento de grandes nomes da filosofia contemporânea sobre a pandemia, destacamos duas. A primeira é de autoria da filósofa francesa Catherine Malabou. Em seu texto “De Quarentena à Quarentena: Rousseau, Robinson Crusóe, e ‘Eu’” (trad. João Pedro Garcez), ela diz, a partir de uma experiência de Rousseau, “que a quarentena só é tolerável se você colocá-la em quarentena — se você quarentenar dentro dela e a partir dela ao mesmo tempo”. Ela aponta a necessidade de, durante a reclusão, estar consigo mesma, se retirar para dentro de si. Em vez de driblar a solidão, encontrar-se com a solidão. Segundo a filósofa, certo descanso da “socialidade” seria, às vezes, “o único acesso à alteridade, uma maneira de se sentir próximo de todas as pessoas isoladas na Terra”. Na quarentena, ela se põe a pensar, a escrever, como um gesto de comunicação consigo e com o mundo.

O segundo texto é do filósofo espanhol Paul B. Preciado. Publicado no dia 11 de março deste ano, “A conspiração dos perdedores” (trad. Luana Fortes) foi escrito após seu autor ter se curado da Covid-19. Ele conta que a primeira coisa que fez “depois de ter estado doente com o vírus durante uma semana tão vasta e estranha como um novo continente” foi se perguntar “sob que condições e de que forma valeria a pena viver a vida”. Em seguida, escreveu uma carta de amor.

Este gesto, o da escrita de uma carta, é nosso ponto de partida. Sabemos que a escrita não existe apenas para representar, mas para inventar, estabelecer novas relações, ordenar ou desornar as coisas. A escrita cria outros, mesmo quando íntima. No caso da carta, ela é a própria saída da linguagem: radicalmente uma busca e depois uma acoplagem. Entre sua origem e sua chegada,

o meio não é saltado, mas preenchido. Eis o tecido de que queremos tratar aqui: o tecido do texto. Como nos diz Roland Barthes, no *Prazer do Texto*:

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por detrás do qual se conserva, mais ou menos escondido, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia generativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido nesse tecido — nessa textura — o sujeito desfaz-se, como uma aranha que se dissolvesse a si própria nas secreções construtivas da sua teia. Se gostássemos de neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (Hypos é o tecido e a teia de aranha).

Assim, nosso projeto consiste na composição de um tecido textual que une pessoas diversas, com seus múltiplos saberes e fazeres, para falar de si, do mundo que está aí, do mundo que queremos. Um vai-e-vem amistoso entre a literatura e o ensaio: cartas poéticas para um tempo ríspido. A carta enquanto gênero aponta para um diálogo propositado; um jogo de linguagem alicerçado numa enunciação que sabe do seu alvo ou o imagina com inteligência. A carta é um campo aberto onde pode habitar o poético, o humorístico, a meditação, a pergunta, a narrativa, a confissão: um gênero que pode conter gêneros. Escolhemos a carta porque ela é viajante, o texto que nasce para a partida, o exílio. Se permanecemos em quarentena, que ao menos nossas palavras possam sair de casa, sem máscaras — ou com as máscaras que desejarmos.

Assim, escreveremos para destinatários diversos: artistas, pesquisadores, professores, amigos, amores; pessoas comuns, abertas ou indecifráveis, cheias do

que dizer; pessoas de Belo Horizonte e de outras cidades e países. Uma escrita que vai para onde nem estávamos pensando em ir. Pontos no mapa do mundo que de repente se ligam. Vamos publicar as cartas e suas respectivas respostas, além de materiais relacionados aos textos, a partir daí inventando uma nova geografia, estabelecida a partir dos caminhos da escrita, uma geografia epistolar que é drible da nossa condição temporária de imobilidade. A geografia epistolar é o mapa de nossas cartas, que é também o mapa desse lugar novo estabelecido por meio dessas remessas. As palavras “carta” e “mapa” já possuem associações, nos conta Fred Benevides em texto para o catálogo da mostra de filmes Filmes-carta: por uma estética do encontro, ocorrida no Rio de Janeiro em 2013. Ele diz:

Carta e mapa possuem uma ancestralidade comum. Ambos os nomes derivam do tipo de material que serviu de primeiro suporte ao que depois viria a tornar-se objetos autônomos: carta (‘charta’, no latim) vem de folha de papiro; mapa (também do latim, ‘mappa’) de toalha de mesa, material onde viajantes (comerciantes, navegadores) rabiscavam rotas e caminhos durante encontros em espaços públicos para negociar expedições.

Ele continua:

Cartas enviadas por correspondência são mapas em movimento, misturando coordenadas objetivas e subjetivas, inventários de um tanto de elementos dispersos pelo planeta que em algum cruzaram o raio de nossa percepção e invenção. Talvez mapas da interioridade.

Nosso objetivo é cruzar espacialidades, temporalidades e elementos, promover trânsitos, exercer uma

virtualidade que seja ação e presença nos velhos e novos, grandes e pequenos mundos, fortalecendo um sentido de comunidade, justamente agora, quando mais é preciso afirmá-lo. A escrita dessas cartas é, portanto, um duplo gesto: estar consigo mesmo de forma distinta de uma mera solidão, como em Malabou, e partir para o encontro dos outros, fazendo do tecido textual o tecido de um comum. Começando por uma troca entre Pedro Rena e Urik Paiva, o projeto está dentro do arcabouço maior do projeto surrealpolitik, um empreendimento literário — e também uma festa. Aliás, escrever, enviar, receber talvez sejam formas de dança, formas de vida, de movimento, de alegria.

Pedro Rena & Urik Paiva

órbita

carta de urik paiva para pedro rena

Belo Horizonte, 3 de junho de 2020.

Querido Pedro,

Uma vez nós dois subimos correndo a Antônio Torres ébrios e loucos, numa dessas noites em que somos ébrios e loucos. Quando chegamos em frente à casa da Claudinha, que lhe hospedava por uns tempos, deitei-me no asfalto, ofegante e contente, e você resolveu dar voltas vertiginosas em torno de mim. Tonto de afeto, eu girava com o pensamento, a cabeça imaginando um grande mecanismo. Sem decidir entre querer que você corresse para sempre, mas sem o benefício de poder chegar mais perto de você, e levantar para correr com você, mas sem o júbilo de tê-lo como uma cabeça estrelada no céu noturno, gravei a cena com o celular. Ao rever o vídeo, percebo que esse momento é uma divisa da nossa amizade: uma relação de ofegância, alegria e movimento — dois corpos orbitando complacentes entre si. A ideia de apostar corrida é gesto infantil que, desconfio, aponta para nosso desejo de termos sido amigos desde a infância, e não já cheios das perturbações concernentes à vida adulta. Esse desejo, gostamos de expressá-lo por meio de nosso deslocamento fictício pela vastidão do tempo, o que nos faz

presentes, lado a lado, como dois soldados na guerra do Peloponeso, dois ajudantes de um pintor renascentista, dois bobos da corte de um reino qualquer, dois astronautas flutuando no espaço, no rumo dos anéis de Saturno, dissidentes da corrida espacial; como Franz Kafka e Max Brod naquela foto em que estão na praia; pelo que sei, a única em que o sofrido Franz aparece sorrindo.

A tessitura de um passado de encontros é gesto de invenção e absurdo que muito me interessa. Temos nós dois, aliás, o hábito de ostentar o absurdo, em nossos mais francos diálogos e na relação com o que nos é externo. Eis o trabalho de uma engrenagem — uma máquina!, você diria — que tem funcionado naturalmente bem: nos alivia do real, afasta os chatos e agelastos e nos impele à criação; executa a tarefa de “lutar contra o pragmatismo e a horrível tendência à consecução dos fins úteis”, como diz Cortázar. Mas o mundo fez seu próprio lance e tornou absurdo o projeto óbvio de sair num fim de tarde, polinizando os bares com trocadilhos bobos e frases de efeito quaisquer.

Contra o caminhar dos afeitos ao dandismo, a praga do imobilismo que separa e isola os corpos. É infernal. Caronte (usando máscara) nos trouxe até aqui. Há quanto tempo que não nos vemos? Desde o aniversário da Manu, eu acho. Distância perturbadora e torturante, que aplacamos com conversas e trocas diárias, o que não é a mesma coisa de estarmos — eu ia dizer ombro a ombro, mas os meus ombros batem no seu joelho — ladeados fisicamente.

Por parte de um tempo difícil, há sempre espessas exigências. Creio que este tempo da pandemia nos pede algo mais que abertura óptica para certas questões. É preciso ter com essas questões que se esticam sobre

nós — e produzir e manusear ainda outras. O isolamento social tem me oportunizado a tal, não apenas por causa do acontecimento sanitário, pois veja só o que acontece politicamente no Brasil e nos Estados Unidos.

Passados três meses de isolamento social, a ideia de pensar acompanhado parece bem sedutora. Como colocar as solidões para trabalharem juntas? O instrumento da carta me parece agora forte o suficiente para dar conta de uma textualidade em rede — dramatúrgica, convergente, maleável, sensual — que estabelece uma certa noção de deslocamento geográfico justamente quando estamos em agonia espacial. A carta é um agente móvel, um serzinho volante que nos leva para visitar os outros, intrometer-se nos assuntos, contar, atingir, afetar. Há cartas de vingança, cartas de amor, cartas de confissão. Linguagem é jogo, então o convite é para as cartadas. Se uso o nome carta, recorrendo também ao contexto material — envelope, selo, letra cursiva, saliva como lacre, ida à agência do correio, carteiro, o carteiro é bonito, nunca beijei um carteiro, nunca troquei saliva com um carteiro, a saliva é um meio, o meio é a mensagem, isso é tão antigo, a história universal da correspondência é a história universal da saliva, quando o amor é correspondido, estímulo e resposta, nem todas as cartas são respondidas, a solitária saliva, como juntar duas solidões, extravio —, é para remeter ao preparo esmerado da mensagem, pois a proposição aqui não é uma promoção do turismo do coronavírus: as cartas serão virtuais, e-mails que se fingem cartas — disfarces, fantasias: “Contudo, esta é uma carta” (nosso amado Drummond). É chegar também ao gênero e seus bons exemplares: da Carta ao Pai às trocas entre Lygia e Hélio. As cartas entre os mineiros Hélio, Otto, Fernando e Paulo, belas peças de cumplicidade.

Cartas de Rilke a um jovem poeta. Numa dessas, aliás, Rilke cita o que seu interlocutor lhe escrevera: “viver e escrever no cio”.

Estou me sentindo disposto à escrita, como uma maneira de sair de casa, driblar as circunstâncias. Você já escolheu seus interlocutores, já escolheu para onde quer ir? Eu tenho já um punhado em mente. Com eles, vou falar dos assuntos vários, sérios ou não tão sérios, que me vêm às cabeças. Farei perguntas. “A pergunta, uma tecnologia”, eu disse isso num fragmento de poema só enviado para você e para mais ninguém. O ponto de interrogação não se parece com um anzol?

Então, perceba as órbitas e as forças. Uma carta desenha no mundo uma órbita. Se a questão é espacial, oportunamente devemos siderar o real, forjando um mapa outro — uma geografia epistolar: eis o nome do nosso intento.

Com amor,
U.

once in a lifetime

carta de pedro rena
para urik paiva

Belo Horizonte, 3 de junho de 2020.

Querido Urik,

Sempre nos lembramos que a primeira vez que nos vimos — mas a primeira vez é sempre — foi no curso do Peter Pál Pelbart, em 2016. Só fomos conversar, porém, numa noite na sinuca, depois do memorável show do David Byrne, em 2018. Fico pensando se esses dois personagens que mediaram involuntariamente nossos encontros não dizem algo sobre nossa amizade, sobre nossas afinidades intelectuais: de um lado, um pensamento que se faz no delírio, no absurdo; do outro, um pensamento que canta, e dança. Não por acaso, inventamos juntos a surrealpolitik: uma revista-por-vir, algumas festas-que-vieram. Um projeto de publicação de textos artísticos e políticos que elaborassem e intervissem no nosso surreal momento político no Brasil e no mundo; encontros dançantes em que ensaiávamos na prática nossas ideias — compondo pequenos textos de divulgação, livres-coreografias e playlists.

Tudo começou (ou pelo menos uma parte importante do processo), naquela noite em que fomos parar, por obra do acaso, no show do David Byrne — desses



encontros que acontecem once in a lifetime. Quando entrei, o astro das cabeças falantes segurava um estranho cérebro em suas mãos. Você gosta sempre de enfatizar que o cérebro funciona não só para dentro, mas também, e principalmente, para fora, de modo que estamos sempre conectados com aqueles que amamos. Naquele dia, Byrne empunhava, literalmente, seu próprio cérebro para fora, de maneira a conectar todos que compartilhavam aquele espaço-cósmico-transcendental (“aquilo foi puramente físico, Pedro! aquilo foi um show-ensaio, um ensaio imanente da amizade que estava por vir”, você diria).

Alguns dias atrás assisti uma outra palestra do Pelbart, na Bienal de Arte com o tema “Como viver juntos”, em que ele se propunha a pensar provocativamente outra questão, não separada desta do título: “Como viver só?”. O seu argumento é que vivemos em um mundo capitalista de excessiva conexão, onde somos obrigados a responder automaticamente a estímulos 24/7, não podendo e não conseguindo nos desconectar nem sequer por um minuto, numa verdadeira saturação de interligação, promovida pelo mundo digital, pelas redes, pelos smartphones. A nossa dificuldade — e o que o capitalismo também recusa a aceitar — seria a desconexão. Nas palavras de Pelbart: “nós sofremos de um excesso de comunicação, estamos trespassados de palavras inúteis, de uma quantidade demente de falas e imagens, melhor seria arranjar espaços de solidão e de silêncio, pra que se tivesse por fim algo a dizer. Do fundo de sua solidão, os indivíduos não revelam apenas a recusa de uma sociabilidade envenenada, porém são um chamamento para um tipo de solidariedade nova, o apelo por uma comunidade por vir.”

Fomos atravessados, então, por esse terrível vírus que nos obrigou a criar uma interrupção no fluxo e no tempo das coisas (que, por sua vez, podem também ser rapidamente incorporados pela lógica neoliberal). Mas fico pensando se nesse viver só, nessa solidão povoada, não podemos inventar uma nova forma de lidar com a saturação de conexão, com a produção em massa de informação, com a criação de outros tipos de comunidade. Penso se, nesse espaço virtual do Geografia epistolar, ao invés de apenas produzirmos mais dados e informações, pudéssemos criar também um certo espaço de silêncio, que abrigasse, de alguma maneira, mais dúvidas que respostas, mais reflexões que afirmações. Sem perder o silêncio, o que você me diz?

Estava por aqui lendo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que vem comentando ativamente a situação do novo coronavírus. Han reflete já há alguns anos sobre a nossa sociedade ocidental da transparência, em que existe um registro total da vida, uma produção informação absoluta, um totalitarismo digital, uma exposição intensiva das vidas na internet. No livro *Psicopolítica*, Han pensa sobre as novas técnicas de poder relacionadas ao chamado dataísmo — ao big data —, através do qual os governos e empresas neoliberais controlam e monitoram a nossa psique, os nossos desejos mais secretos e íntimos (“os big data talvez tornem legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos propriamente conscientes”); um sistema de poder em que nós mesmos nos controlamos o tempo todo, submetidos a uma servidão digital: “os dados coletados também são publicados e trocados. Assim, o automonitoramento se assemelha cada vez mais à autovigilância”. Como se com o big data alguém pudesse manejar nossos cérebros,

como Byrne o empunhava no show.

Assim como Pelbart, Han termina o livro falando da necessidade de uma política do silêncio, de uma forma de comunidade que se opõe “ao poder neoliberal da dominação, à comunicação e à vigilância totais.” Ele se pergunta: como se “comunicar através do não comunicável?”; como criar “espaços abertos de silêncio, quietude e solidão, nos quais é possível dizer algo que realmente merece ser dito”? (E que esse espaço de silêncio não se confunda com um silenciamento crítico dos intelectuais frente ao espantoso governo que vivemos). Sei que as perguntas não têm resposta fácil, e que não seremos nós a respondê-las ou a criar pretensiosamente algo que “mereça ser dito” — mas será que não podemos nos dar a liberdade de ensaiar um espaço aberto à interrogação, às perguntas, à suspensão, a um outro tipo — mais hesitante — de comunicação? Gostaria de lançar questões a amigos, professores, pensadores, artistas, saber o que estão pensando, o que estão lendo, como estão agindo diante disso tudo. Sem perder o silêncio: você me diz?

Espero que esteja bem!

P.

atração

carta de andré elias para pedro rena

Itajubá, 25 de junho de 2020.

Caro Pedro,

Mascaro seu nome pela transgressão da missiva, se algum dia te chamei assim eu devia estar extremamente sóbrio. Deus sabe quanto não suporto estar sóbrio, só não é pior que estar ébrio. Entre dois pólos eu transito no embalo da repulsão.

Faz falta o contrário, porém. Atração. Esta coisa que o orgulho prefere ver o nome na sarjeta do que admitindo. Mas a parte boa da atração é que ela acontece sem muito depender de nós, quando muito se disfarça, acha graça, não dá bandeira. Enquanto isso fica lá a bandeira, desdada em todo seu potencial flamulante.

Me atrai a desconexão, me atrai o silêncio, me atrai a liberdade do relaxamento em que não se pensa, reage, e na reação se revela. Revelar pra si mesmo, que o mundo parece essa língua estranha escrita em código e a gente alterna o olho entre o letreiro e a cartilha com a tradução dos sinais — só pra descobrir que desde o começo estava tudo em estrangeiro.

E são nessas horas, as que estamos em liberdade para deixar a cartilha de lado e se comunicar de verdade,

por estados e não por signos, com máximo de significância e mínimo de significado, com os gestos e olhares e as bandeiras todas no varal, que respiro aliviado: tô em casa. E casa é onde sou teu vizinho. Então sim, há alguns anos estou sem casa. Mas é tudo bem; assim posso ser esse andarilho de estrangeiro que sempre babei pelos road movies, únicos filmes possíveis. E quando preciso, quando acontece a desconexão (sábria e rara), posso respirar aliviado e ser transportado a um tempo em que entre ti e mi só há a campainha.

Caminhemos, companheiro.

Abraço do seu,
André E.

perguntas

carta de carina gonçalves para marília garcia

belo horizonte 30 de junho
e 1º de julho
de 2020

querida marília

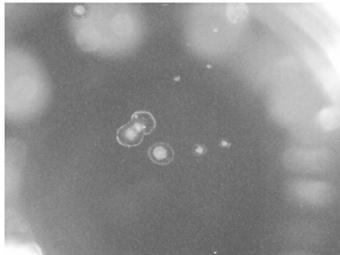
escrevo essa carta a convite do pedro rena
um amigo querido que junto do amigo querido dele o urik paiva
criou um projeto chamado geografia epistolar
que consiste em enviar cartas para pessoas de diversos lugares
quando li sobre o projeto dos dois
logo lembrei de você com seus mapas enganos geográficos
cartas postais cartografia podia ser o estudo de cartas
se já não fosse
de mapas

escrevo essa carta para te falar
de coisas que vão ficar fora da minha dissertação
porque são mais privadas do que públicas
ainda que essa seja uma carta aberta como um postal

antes que eu me esqueça
e isso é importante
tudo bem marília? como você está hoje?
tenho visto tanto os seus vídeos e lives
é como se eu estivesse conversando com você
e sim

estamos conversando
desculpe-me se copio seus procedimentos de escrita
é difícil não fazer isso agora e você me ensina a copiar a repetir

marília
compartilho com você essa foto que recebi
veja do que acha que se trata? de certa forma
ela me lembra as fotos da rose lynn-fisher que estão no parque das ruínas



mas não era disso que eu queria falar
eu queria falar de 2 coisas
a primeira é que uma vez tive a sorte de ir
numa palestra do david lynch na ufmg há 13 anos
e alguém da plateia perguntou a ele o que significava
a *log lady* ou senhora do tronco em twin peaks
ele disse sorry, *but I don't talk about what my work means*
but we can talk about process

fiquei um pouco frustrada porque também queria saber
o que significava a *log lady*
mas ele tinha razão

há 4 anos tive a sorte de ir
numa palestra do josé luis guerín para um público
de estudantes de cinema
eu não era estudante de cinema
era uma intrusa espiã no meio da plateia
disfarçada de estudante de cinema
vimos ao filme academia das musas
e alguém perguntou ao josé luis guerín o que significava
as imagens refletidas no vidro que apareciam
em todo filme
ele disse *usualmente no explico lo que significan mis películas*
hablo de procesos pero como ustedes son estudiantes de cine
creo que es importante decir lo que significa para mí
lembrei que você também fala de processos

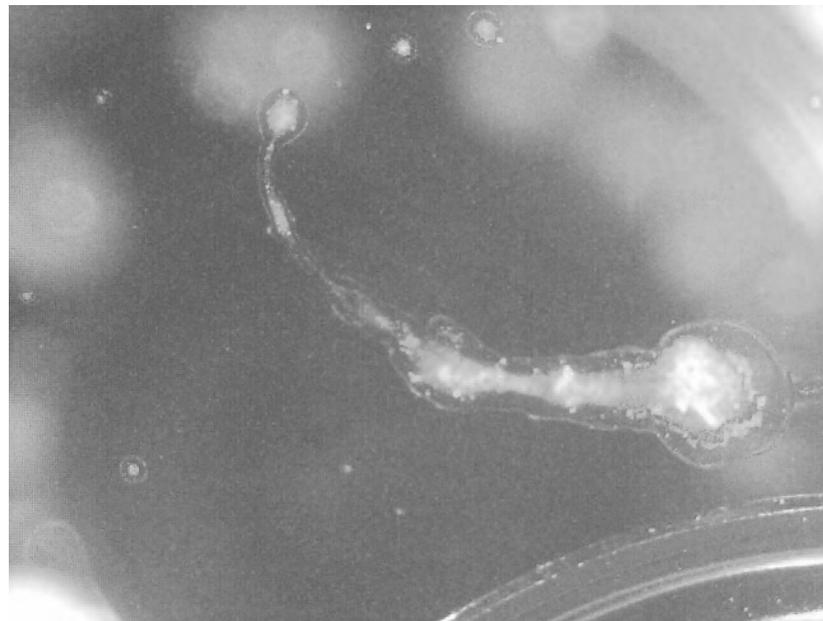
nesse ano de 2020 que é um número estranho de se escrever
toda vez que eu escrevo 2020 eu me assusto de estar
vivendo o ano mais bizarro de toda minha vida
nesse ano de 2020 estou fazendo uma dissertação sobre a sua obra
e vejo que o que você escreve é transparente como fantasma
porque atravessa a matéria do que leio e vejo
sua escrita atravessou
léxico familiar memórias da plantação make me stop smoking

como o menino de 6º sentido *i see marília garcia*
e toda vez quero te fazer perguntas *log lady* e vidro
o que significa o *itálico* nos seus poemas? e as *pontes*? os *quadrados*?
já te perguntei sobre *raízes* e *ruínas*, né? e sobre os ecos também

percebo que eu que tenho que responder essas perguntas
assim como o david lynch me falaria e o luis guerín também
se ele soubesse que eu não era estudante de cinema
e se eu te perguntasse *o que significa* talvez você me respondesse
pelas *bordas* sem nunca chegar ao *centro*
porque *paris não tem centro* e seus poemas não têm centro
ou você me faria outra pergunta
mas a gente (eu) fica querendo entrar na cabeça da artista

a segunda coisa que queria te falar
lendo ouvindo assistindo os/aos seus trabalhos
fiquei pensando o que faz de uma pessoa uma artista?
porque você é uma artista e por isso queria saber
como você se tornou artista?

romanticamente eu pensava que os artistas tinham que ser rebeldes
ou ter um bigode excêntrico hábitos extravagantes
xingar entrevistadores nas entrevistas uma história de vida trágica
rebeldes rebeldes rebeldes



p.s: carta tem que ter p.s.
ainda vou elaborar perguntas
que não sejam *o que significa*

beijo grande

delicadeza

carta de marina baltazar para josé leonilson

BH, 02 de julho de 2020

Leó,

fico pensando em possibilidades
se é possível escrever uma carta
para alguém que não mais habita
o seu antigo corpo morada tempospacial
onde foram parar as ruas da cidade
que atravessavam a estrada estreita e longa
seus ventrículos pulsam outro cep noutra desierto?
se é possível algum tipo de relação
entre duas pessoas que nunca se viram ou
foram à mesma festa certamente já dançaram
a mesma música leram o mesmo poema
— amanhã, depois, anos depois, serão
escritos os versos de que é esta a origem —
assistiram ao mesmo filme conheceram algumas pessoas
que já não são mais as mesmas pois os corpos envelhecem
[as células se renovam
ou não depois dos 30 as metamorfoses de raul ou warburg
— não vivemos outra coisa senão a metamorfose —

acometem a todos que tiveram a sorte
ou o azar de nascer
se é possível que haja tanta intimidade
se importa se eu te chamar de Leó?
é que antes te chamava Leo
mas veja bem que confusão meu companheiro
também o chamo Leo também José só que em outra ordem
e você não pode imaginar minha alegria
quando gabi me contou e sua irmã
lhe chamou Leó e ainda lhe chama parece todos os dias
algo se organiza nesse atravessamento
confuso percebi que posso sentir carinho
por você
tudo bem?
se é possível ou até mesmo lógico
escrever uma carta que não pressupõe
resposta
todas as possibilidades requerem algum argumento?
não que todas as cartas escritas tenham recebido respostas
mas o princípio esperança por vezes
invade como odeio usar metáforas de guerra mas enfrento
[esta repetição]

não ter esperanças
que você apareça
vivo nesta catástrofe
e por mais que gostaria
não acredito em psicografia
em incorporação sim
por isso meio a tantas dúvidas
escrevo sigo a grafia torta
seu bordado com delicadeza
imagino nossas conversas
se você iria gostar de mim do que escrevo sobre
o que você escrevia
vivo nossas conversas imaginadas
chá ou café? chassi ou voile? vamos bordar enquanto
leio que você ainda habita
outros tipos de presença
seus homens ladeados estão
tatuados nos braços de
meus melhores amigos tristes
e de alguns estranhos também
percebo que quando fui à antiga casa
de sua mãe também entrei em mais um

universo que você habitava
habita não há um só dia
em que não pense que suas inscrições seguem
se incorporando em vários
silêncios outras formas de habitá-los
de compreender os corpos que
celestes nos rodeiam ou são rodeados por
toda esta poeira
de dúvidas e respostas sinto
que você já permanece permaneceu permanecerá
naquilo que você escreveu escrevo
meus amores só os tenho em minha cabeça
isso acontece
comigo também
tenho todo um abismo aqui dentro
voilà mon coeur
que não consigo <to dedicate>
il vous appartient
endereçar como você fazia em suas séries mas
queria agradecer e se aceitar
oceano aceita-me?
te dedicar

que você habita meu corpo
e eu nem tenho tatuagem só
esta carta desajeitada
cheia de possibilidades que procuram por
silêncios *e oliveiras.*

com carinho,

marina

turbulências

carta de rita pestana para augusto barros

Lisboa, 3 de julho de 2020.

Nem tudo começa com um sonho.
Esta carta não começa com um sonho.
Termina com um.

Você, melhor que ninguém, sabe que eu sonho muito durante a noite. Sabe também que é comum lembrar-me dos sonhos quando acordo. Nos últimos meses — não sei se pelo vazio — os sonhos têm encontrado um espaço e um tempo maiores para me habitar. Parece que o meu corpo se transformou numa espécie de sala de cinema do meu inconsciente.

Sempre te falei muito da imaginação como força política.

E dói (dói muito) quando nos sentimos cansados, exaustos, para imaginar.

Ultimamente tenho sentido que a nossa capacidade de criar está a esgotar-se pouco a pouco. E somos tão jovens. Não é possível!

Talvez nos andem a fazer sentir que “não há saída” (outra vez?). Olhar as notícias diariamente é a certeza de que este monstro (e falo de todos os monstros — em sentido figurado e não só) são maiores e mais du-

radouros do que alguma vez acreditamos.

E eu tenho medo que a dor se torne um hábito.

Tenho medo de deixar de sentir. E o perigo da falta de sintomas é eu poder já ter morrido (por exemplo, enquanto te escrevo esta carta) sem saber. Sem aviso prévio. E os avisos prévios são importantes.

Então, serenamente e quase sem sintomas, sonhei o que agora te conto.

Você não conhece este shopping. Ele fica aqui em Portugal e se chama Centro Comercial Colombo. Penso que seja o maior de Portugal e sim, o seu nome é em homenagem a Cristovão Colombo. E, se o sonho começa neste lugar, ele pode tender para o pesadelo (deixo a seu critério). No interior deste Centro Comercial existe um hipermercado chamado Continente (juro que todos estes nomes são reais). Eu estou dentro desse grande hipermercado sozinha, sem nada nas mãos e sem carteira também. O meu corpo está perto das mais de 40 caixas de pagamento onde passam, pelo laser vermelho, os muitos produtos essenciais à população. De repente, num gesto bruto e rápido, as luzes do tecto do Continente começam a cair sobre os atendentes dos caixas e as primeiras pessoas que fazem pagamento. Curtos-circuitos mostram-se inevitáveis, o que dá lugar a explosões que rapidamente criam uma barreira de fogo. Apesar do cenário trágico e dos gritos histéricos eu aparento uma calma surpreendente. Tento racionalizar uma forma de sair daquele lugar mas percebo que não será mais possível: existe agora um muro de corpos, fumo e fogo que não me oferece saída do Continente. Resignada, viro-me no sentido contrário a essa barreira e caminho devagar contrabalançando a velocidade de todas as pessoas que correm ao meu redor. Penso que será melhor ligar à minha mãe e dar-lhe o pré-

-aviso da minha morte — afinal, não há saída e os avisos prévios têm as suas vantagens. O mais curioso deste sonho é que, vinda do nada, a Dilma (sim, a Dilma!) está agora ao meu lado, vestida de vermelho (e talvez por isso esta carta só possa ser para você). Ela olha-me e diz-me, muito certa, “vem comigo, há um portão no fundo deste corredor que vai direto para o aeroporto”. Juntam-se a nós três pessoas, que ela me apresenta como seus assessores. Apresso o passo e juntos chegamos a um aeroporto semelhante ao do filme Casablanca. Aliviada, entro finalmente no avião com a Dilma, os seus assessores e muitas outras pessoas que conseguiram chegar ali. O avião está cheio. Somos muitos (e é importante nunca nos esquecermos que somos muitos!). Levantamos voo e começo a sentir um alívio de ter conseguido sair daquele caos. No entanto, uma vez o avião em piloto automático, começa a maior turbulência aérea que senti. Percebo que o meu corpo está de pé e que o meu equilíbrio é muito frágil. Não tenho onde me apoiar a não ser nas pessoas que estão à minha volta. Um medo enorme percorre-me a alma e olho para a Dilma aterrorizada. Ela sorri-me e, muito calmamente, diz-me: “há saída, mas ela é turbulenta”.

 Não sei se os sonhos são formas de imaginação.

 Não sei se a dor vai ficar para sempre e virar hábito.

 Sei que já temos disponíveis os meios para a criação de um mundo mais justo.

 E... agora sei também: há uma saída. Mesmo que turbulenta.

Fragmentos em maiúscula

carta de clara delgado para flávio henrique

Belo Horizonte, 06 de julho de 2020.

Flávio

Tantas vezes te escrevi desde janeiro de 2018
Nesse tempo de janeiro de 2018 pra cá
Tenho escrito muitas letras de música

(É estranho te dizer isso te dizer
Do que faço do que fiz
Acho que você vê e sabe bem
O que tem acontecido por aqui
Desde janeiro de 2018)

Primeiro pensei em escrever ao Leminski
Ao invés de te escrever
(Li cartas dele ao amigo Régis Bonvicino
Mas não é por isso que eu escreveria ao Leminski)
Mas aí me lembrei de uma letra que escrevi
Pra você
No ano passado

Escrevi essa letra e mandei para o João Pires
Ele fez uma música tão bonita com essa letra
Flávio

*Nos traços de nanquim dessa cidade
Beiradas de estradas das canções
Boleros, seus esmeros são bordões
Me lembro caminhar por Buenos Aires
Língua que falavam os aviões
Minas e Bahia pelos ares
Das letras, onde há os corações?*

O último verso não era uma pergunta
Mas gostaria de te fazer essa pergunta
(Também faria essa pergunta ao Leminski)
Gostaria de voltar a Buenos Aires
Não me lembro bem
Por onde andamos
Quais eram aquelas ruas de Buenos Aires?
Lembro de um restaurante lembro do vinho
Talvez de dois restaurantes

(Lembro do seu cachecol xadrez e da foto
Que você me pediu que eu tirasse
Você encostado na parede
Tirei a foto
Cadê essa foto?)
E a coisa da língua
Ouvir outra língua falar outra língua
Como você gostava da língua e eu também
(Você falava pouco
Mas eu me atrevia
Ainda me atrevo)

Te escrevi a letra em janeiro de 2019
Um ano depois de janeiro de 2018
Um pouco depois de ter sonhado com você
(A gente num vagão de trem e tudo
Branco em volta
A gente sentado um de frente para o outro eu te dizia
Que você não estava mais aqui
Que você não poderia estar ali)

E você sorria
Não me dizia
Uma palavra)

Sonhei com você outra vez
E escrevi um poema (não foi
Pra você o poema foi só
Um poema)
Escrevi a letra em janeiro de 2019
Escrevi o poema um pouco depois
Um poema estranho
(Não sei bem
O que é um poema
Estranho
Foi estranho escrever o poema
Foi estranho o sonho
Foi estranho — não couberam direito no meu corpo
O sonho nem o poema)

I

*Copo d'água entre as linhas
do mar: o que os olhos viram ao seu lado
sobre grãos de areia.*

*A canção em outra margem
continua dizendo aos ouvidos
que o corpo é outra coisa
e comprovou seus dizeres
em algum lugar que não na poesia.
A morte do corpo te levou aonde?*

II

*Você não iria querer que eu mexesse
nisso e calasse tantas outras formas
de te ouvir. Você não iria querer
que a canção estivesse na outra margem,
ou que o sobressalto
que me acorda fosse movido
pela perda.*

III

Nada inventa a canção — você disse.

*Tamanha a beleza das coisas que rondam
e se condensa nas pétalas
e nas linhas.*

IV

*Você embasbacado ao pé da cama
me acordava urgentemente e queria
que eu interpretasse meu sobressalto:
é só um salto do lugar da canção,
por que na outra margem?
salte para perto dela e ela te dará
uma palavra e uma nota,
seguidas de uma noite
à beira da cama
para dar a si
a palavra noite.*

Você gostava de poemas

Preferi então escrever essa carta em versos

(Para o Leminski eu nunca escreveria em versos)

Preferi deixar as letras maiúsculas no início de cada

Verso

(Sabe que quando escrevo poemas não costumo deixar

Letras maiúsculas no início dos

Versos?

Mas quando escrevo letras de música sim

(As pessoas fazem assim? Escrever poemas

Em minúsculas não tem me feito escrever

Bons poemas

Nem escrever letras de música em maiúscula

Tem me feito escrever boas letras de música)

Percebe

Flávio

Que eu te diria esse poema

Se você estivesse na minha frente agora

Eu te diria esse poema eu te faria

A pergunta

A morte do corpo te levou aonde?

Percebe
Flávio
Que talvez o poema não seja poema
Talvez seja só eu te dizendo e te perguntando

Percebe
Flávio
Que a letra de música que o João fez virar música
Era uma letra pra você
Percebe uma coisa
(Tão inútil quanto te dizer)
Na letra de música
Há rimas (tão simples e bobas quanto inúteis)
E no poema não há rimas
Flávio
No poema não há ritmo
E nunca sei se na letra há algum ritmo

Percebe
Flávio
Que te digo já sabendo
Que você
Não concordaria com nada do que te digo
Você me diria o contrário
Eu sei que você me convenceria
Como tantas vezes me convenceu
Que tudo isso que dizemos é bobagem
Vamos fazer as letras de música
E continuar dizendo as bobagens
E por favor
Flávio
Não esquece de me responder
As perguntas
Preciso das respostas

enunciados, chuvas

carta de urik paiva para breno henrique

Belo Horizonte, 2 de julho de 2020.

Querido Breno,

Em novembro de 2015, você publicou em seu perfil no Instagram uma foto em que está à frente de uma projeção. Na tela branca se lê: “a cada passo dado o mundo está mudado”. Em setembro de 2017, a foto postada é de uma placa próxima ao edifício Niemeyer que diz: VOCÊ PODE ESCOLHER. Em março do ano seguinte, a imagem de um picho, num muro qualquer: + AMOR + NEGROS. Andamos no tempo, e eis uma foto da vidraça do Palácio dos Artes, plotada com uma frase de Teresinha Soares: ARDIA DE AMOR E SE QUEIMAVA. Em janeiro do ano passado, você postou o recorte da capa de um jornal do Movimento Negro Unificado de 1991, em que um casal se beija, com a legenda “Reaja à violência racial/beije a sua preta em praça pública”, versos do poeta Lande Onawale. Numa outra postagem, de fevereiro de 2019, você segura um pequeno cartaz com os dizeres “Precisava matar?”. Na foto seguinte da mesma publicação, você e outras pessoas estão deitadas no chão do supermercado Extra. Um pouco acima, há a foto de uma tatuagem no seu braço, a reprodução exata de um desenho que você fez quando

criança: nuvens, estrelas e um TE AMO MAMÃE. Uma das postagens de maio é de uma faixa pendurada nas dependências da UFMG em que está dito: NEM CORTES À EDUCAÇÃO NEM REFORMA DA PREVIDÊNCIA. EM DEFESA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA FILOSOFIA.

Então, em agosto de 2019, uma postagem com duas fotos, em que você e sua mãe seguram uma faixa pintada com os dizeres: O FUTURO NÃO SERÁ COMO O PASSADO. Os corpos de vocês, posicionados logo à frente de um muro com tijolos aparentes, estão parcialmente iluminados pela luz do sol do fim da tarde. Uma faixa semelhante está em outro conjunto de imagens, empunhada por você em várias poses; diz: VOLTAREI A SER PARTE DE TUDO. Adiante no tempo, uma nova faixa: COMO SE O CÉU FOSSE OCEANO, segurada por você e sua mãe. Em janeiro deste ano: ASSIM QUE ABRO MEUS OLHOS. Há a foto de sua mão, carimbada com os dizeres: RESTA POUCO TEMPO PRA VOCÊ ME AMAR. Outra foto, outro carimbo: TE BEIJAR ATÉ SENTIR GOSTO DE SOL. Um vídeo em que você segura uma faixa que tremula: RESPIRAR EM CIMA DA TERRA. Um novo carimbo: NAQUELE DIA O MUNDO QUASE ACABOU. Um novo carimbo: ENQUANTO TUDO PERMANECE. Uma nova faixa: HABITAR O PRESENTE SEM MEDO! Sua mãe segura: AGIR NO AGORA. Você segura: FUTUROS.

Penso numa montagem possível para todos os enunciados que você construiu e dispôs em faixas e carimbos; existem talvez como um poema em curso numa superfície que se move com o vento. Pesquei do seu Instagram esses primeiros dizeres, que não foi você quem elaborou, porque eles claramente demonstram seu gosto por construções frasais fixas no espaço. Essa atenção alinhava para o gesto posterior? Lembro do Richard Serra

falando de como a visão dos navios chegando ao porto onde seu pai trabalhava impactou sua noção de escala. Gosto de pensar em como se dão essas apreensões formais, nas aberturas solitárias da infância ou no conjunto traumático da vida adulta. Meu romance favorito, Retrato do Artista Quando Jovem, do James Joyce, é repleto delas. Tenho alguma noção de onde capto minhas formas para o trabalho com a palavra, mas não quero falar delas hoje; gostaria é de saber das suas. Volto de repente ao nosso almoço, no ano passado, no Mineirinho. Você me contava do diário da sua mãe. No seu Instagram há uma foto da entrada do dia 23 de março de 1992. Diz:

Estou no trabalho, hoje é um dia difícil de trabalhar, estar com você sábado e domingo é lindo. E geralmente 2ª feira é o dia que me sinto mais cansada, trabalho sábado e domingo, bem mais que no correr da semana. E faço o impossível para lhe dar bastante atenção.

Eu estava numa ressaca monumental, mas lembro que fiquei exaltado com a descrição de sua relação com ela: como são vocês dois para o que der e vier. Fiquei curioso por essa escrita. O diário é uma escrita íntima, mas ela parece escrever para você e com a consciência da sua leitura. Como se fosse uma carta. Uma escrita de dois gumes? Se o contato com o diário da sua mãe aconteceu há muito tempo, ele teria lhe conduzido para a apreensão formal da lógica do enunciado? É interessante pensar na observação dessas frases na infância e no seu consequente trabalho com elas. Frases nadando no oceanário da mente, lapidando-se, transformando-se, à espera da sua pescaria?



Retomo Barthes falando de Flaubert, de seu trabalho exaustivo com o estilo. É conhecido que Flaubert operava suas frases com obsessão estilística, esburacando, extirpando, trinchando palavras até ficar exausto, cair doente na cama e depois escrever cartas se lamentando. Eu deixaria Flaubert com inveja se dissesse a ele que tenho trabalhado numa mesma frase há no mínimo três anos, sendo verdadeiramente angustiante que a tarefa pareça estar longe de uma conclusão. Vendo você estirar suas frases no espaço em tamanho bem superior ao de uma linha de caderno, excita-me pensar numa agonia pública do meu enunciado: se eu tivesse dinheiro mandaria fazer faixas com todas as versões dessa mesma frase inquieta e inacabada, penduradas em cordões nas margens da avenida dos Andradas. Um experimento público de corpo frasal em sofrimento, para o gozo transeunte da cidade.

Mas as frases às vezes nos abalroam feitas numa esquina da vida, completíssimas, fechadas. Ou prontas em sua incompletude ou vagueza. Algumas de suas frases contêm uma curiosa inexistência, ou não temos como lhes preencher o derredor. É como se você as retirasse de uma narrativa maior, nos colocando não a missão de decifrar a que universos pertenceriam, mas de fruir sua beleza molecular. Por isso, você as amplia, para que sejam corpo inteiro; por sinal, a própria envergadura do seu corpo de braços abertos. Pode ser natural, e até romântico, pensar que esse gesto se refere a um abraço: frases para o encontro sensível com um outro. Mas tenhamos outras alusões como trunfos. Como o que ocorre com algumas espécies animais, essa abertura serviria ao voo ou para a defesa contra predadores. Alguns bichos possuem de fato desenhos assustadores no próprio corpo, como

forma de proteção. Não estranharia se isso se referisse ao seu caso: você empunha frases para espantar os inimigos. Faz ainda mais sentido, não pelo tamanho, mas pelo contato bem direto com a pele, se falamos dos carimbos. Penso num corpo todo carimbado com a frase HABITAR O PRESENTE SEM MEDO.

E sobre o seu filme, Como se o céu fosse o oceano, enquanto grafia com imagens, seria possível projetá-lo num tecido que você segurasse com os braços abertos?

Você mexe com as palavras de modo espiritual, quase litúrgico. Sinto nelas uma beleza, ao mesmo tempo solene e poética, que é como ficar parado sentindo o vento e sendo cortado pela luz do sol no fim da tarde. Ou molhando na chuva. Há uma bela postagem, com fotos e vídeos, em que você fala da chuva e da sua avó. Dois vídeos, com as palavras “chover” e “molhar” em papezinhos impressos na sua mão, sendo molhados pela água da chuva. Uma foto da foto de sua avó. Uma faixa com a frase MINHA AVÓ SE CHAMAVA ANTÔNIA na foto seguinte. Por último, um vídeo em que você segura essa faixa. Na legenda, você escreve que sua avó dissera para sua mãe, que por sua vez lhe transmitiu: “pega a água da chuva e guarda pra usar depois”. Nesse texto você fala de morte, transmissão, ciclos. O ciclo da água é o ciclo da vida, entre acúmulos, reposições, fluências, repetições. Mas os ciclos possuem distinções, como quando falamos do ciclo da vida de um homem negro no Brasil. Se você diz “tenho pensado muito nos mortos, me sinto próximo de alguns deles”, é sua também a construção “eu me recuso, forjo outras estratégias para me desviar da morte, da urgência de morte que me querem que me solicitam, da urgência de morte que me demandam”.

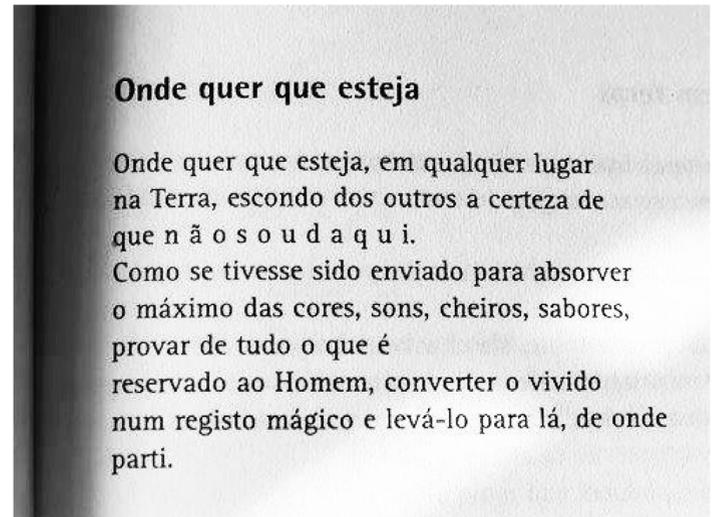
Escrever é viver. Esse movimento de vida é o que me conduziu até o seu trabalho. Tenho observado devagar a sua escrita, em silêncio. Gosto de quando vejo você estender mais um enunciado. Essas frases que são defesas, recusas ou preenchimentos vêm do seu trabalho com a água da chuva, com tudo que você acumulou ao longo de seus trinta e poucos anos. Enfim, suas frases são formas muito intensas e bonitas de “agir no agora”. Estendê-las é gesto forte, trabalho laminar com essa grande chuva que é a vida. Lá no Ceará, de onde eu venho, temos costume de olhar para o céu nublado e dizer: está bonito pra chover. Pois se trata de uma terra seca, para a qual a chuva significa bênção e fartura. A chuva é uma enunciação. E uma anunciação. Suas pequenas palavras me molham. Você está bonito para chover, Breno.

Um abraço para o neto da Antônia e filho da Márcia,

Urik.

a noite nunca é plena

carta de marcelo castro
para eleonora fabião



Belo Horizonte, 8 de julho de 2020

Eleonora querida,

salve salve!

Vim te escrever esta carta e encontrei esse poema do poeta
[polonês Czesław Miłosz
em um antigo rascunho não enviado para você.
Não sei por que não te enviei, mas consigo entender o que me fez
escrever seu nome no campo — destinatário — e anexar essa
[imagem no corpo do e-mail.

É que desde a primeira vez que te ouvi
(desde aquela caminhada de ponta a ponta na Avenida Paulista)
[— eu soube que você

nãoédaqui

como se tivesse sido enviada
para absorver
o máximo das cores, sons, cheiros, sabores
provar de tudo e converter o vivido
num registro mágico e levá-lo para lá, de onde
partiu.

Minha amiga-luz — meu amarelo — meu descanso corajoso,

desde o começo dessa tragédia que nos paralisou a todos
tenho pensado em te escrever.
(sempre evoco você nos momentos de intensa alegria ou de dor)
Preciso ouvir suas palavras.

Você que me disse logo após o golpe de 2016 (o golpe que abriu
[a porta para a desgraça)
Que a partir daquele momento teríamos que trabalhar em
[dobro, como artistas teríamos que criar em dobro,
encher o mundo de sensibilidade, produzir outros mundos
[incansavelmente.

E assim fizemos.

E eu te pergunto, e agora?

mas já intuo a sua resposta porque sei que você está ativa
abrindo janelas
promovendo encontros
desencapando fios
agindo para que doações cheguem ao hospital da UFRJ.

Imagino que agora tenhamos que trabalhar o triplo, não é mesmo?
Como fazer para não perder o sensível, o afeto, a ternura?

“O contrabaixista Ron Carter dizia que sua função num quinteto de jazz (e ele tocava no quinteto de Miles Davis) era tocar sempre a nota que impedisse os outros músicos de tocar a nota que eles imaginavam que iam tocar, obrigando-os sempre a encontrar uma nota inesperada. Penso nessa frase, obsessivamente, mesmo sem ser músico, e acho que é porque no fundo a vida, tal como a vivo, é o meu Ron Carter, sempre fazendo soar a nota que me impede de tocar a nota que eu achava que ia tocar, e me obrigando a encontrar outra, à queima-roupa, numa fração de segundo.”

(Carlito Azevedo no *Livro das postagens*)

Tô aqui tentando encontrar a nota
à queima-roupa
e se o meu instrumento foi destruído?

Na minha última carta, desejoso de esperança
inspirado pelo seu projeto

JANELAS ABERTAS

anexei o seguinte poema do poeta francês Paul Éluard
traduzido pelo Guilherme Gontijo Flores

E um sorriso

A noite nunca é plena.
Tem sempre, pois que digo,
Pois que afirmo,
No fim da dor, uma janela aberta
Uma janela iluminada.
Tem sempre um sonho que vela,
Desejo a cumprir, fome a sanar,
Um peito generoso,
Uma mão estendida, uma mão bem aberta,
Dois olhos atentos,
Uma vida: a vida a partilhar.

e agora, para terminar, te envio
outro tesouro do Paul Éluard
traduzido a quatro mãos pelo Drummond e o Manuel Bandeira
mas antes eu tenho que te contar uma história sobre ele.

Escrito em 1942, com o título “Une Seule Pensée”,
esse texto foi transportado clandestinamente da França,
[ocupada pelos nazistas, para a Inglaterra.

Em 1943, traduzido para vários idiomas, o poema foi
[distribuído como um panfleto,
lançado por aviões aliados nos céus da Europa conflagrada.
O responsável por contrabandear essa preciosidade da França
[ocupada para a Inglaterra

foi um artista brasileiro,
o pintor pernambucano Cícero Dias. [Imagem da capa]

— agora imagine uma chuva com estas palavras caindo sobre o
Brasil, atualmente ocupado pelo nazi-fascismo —

Um Único Pensamento

Nos meus cadernos de escola
Nesta carteira nas árvores
Nas areias e na neve
Escrevo teu nome

Em toda página lida
Em toda página branca
Pedra sangue papel cinza
Escrevo teu nome

Nas imagens redouradas
Na armadura dos guerreiros
E na coroa dos reis
Escrevo teu nome

Nas jungles e no deserto
Nos ninhos e nas giestas
No céu da minha infância
Escrevo teu nome

Nas maravilhas das noites
No pão branco da alvorada
Nas estações enlaçadas
Escrevo teu nome

Nos meus farrapos de azul
No tanque sol que mofou
No lago lua vivendo
Escrevo teu nome

Nas campinas do horizonte
Nas asas dos passarinhos
E no moinho das sombras
Escrevo teu nome

Em cada sopro de aurora
Na água do mar nos navios
Na serrania demente
Escrevo teu nome

Até na espuma das nuvens
No suor das tempestades
Na chuva insípida e espessa
Escrevo teu nome

Nas formas resplandcentes
Nos sinos das sete cores
E na física verdade
Escrevo teu nome

Nas veredas acordadas
E nos caminhos abertos
Nas praças que regurgitam
Escrevo teu nome

Na lâmpada que se acende
Na lâmpada que se apaga
Em minhas casas reunidas
Escrevo teu nome

No fruto partido em dois
de meu espelho e meu quarto
Na cama concha vazia
Escrevo teu nome

Em meu cão guloso e meigo
Em suas orelhas fitas
Em sua pata canhestra
Escrevo teu nome

No trampolim desta porta
Nos objetos familiares
Na língua do fogo puro
Escrevo teu nome

Em toda carne possuída
Na frente de meus amigos
Em cada mão que se estende
Escrevo teu nome

Na vidraça das surpresas
Nos lábios que estão atentos
Bem acima do silêncio
Escrevo teu nome

Em meus refúgios destruídos
Em meus faróis desabados
Nas paredes do meu tédio
Escrevo teu nome

Na ausência sem mais desejos
Na solidão despojada
E nas escadas da morte
Escrevo teu nome

Na saúde recobrada
No perigo dissipado
Na esperança sem memórias
Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra
Recomeço minha vida
Nasci pra te conhecer
E te chamar

Liberdade
...

é isso, Eleo,
me mande notícias do seu front.

com amor,

Marcelo

início, meio, início

carta de joviano maia para nego bispo

Belo Horizonte, 10 de julho de 2020.

Salve, salve Bispo!

Como vão as coisas aí na comunidade? Fui convidado a escrever uma carta, escolhi o senhor como destinatário. Aproveitar para agradecer nossa confluência, como tu disse naquela conversa que gravamos no início da quarentena. Falei que eu era teu fã na despedida e tu disse que fã não era legal, que a gente era confluyente. Deu um calorzinho no coração. É isso aí, satisfação.

Mais um aprendizado entre tantos desde que lhe conheci graças ao Rafa Tchatcha, em 2017, na nossa casinha em Santa Tereza. De lá pra cá não teve um dia que não conflui com seu pensamento, com sua cosmovisão quilombola, “afropindorâmica”. Fico enchendo o saco dos amigos decoloniais para deixar o decolonial e se assumir contra colonialista. (Risos).

A boa agora é “início, meio, início”. Isso é maravilhoso pra ilustrar a circularidade da vida. É como a ginga na capoeira, a gira no terreiro. Bonito demais! Fiz até um poeminha em sua homenagem:

chegou nossa vez
versar a resposta da resposta,
a réplica da réplica, a tréplica,
que em verdade
nada responde
nem faz proposta
somente expressa,
talvez uma aposta,
em três palavras:
início, meio, início

aprendi com Bispo,
começo, meio, começo,
ciclos e circularidades espiraladas,
fluxos e movimentos singulares
passado e futuro confluem neste presente
um instante, tempo

dia de Xangô,
o Rei sabe o que faz,
Kaô Kabecile meu rapaz
A morte ronda
peçamos clemência ao Pai
Cantar, dançar, atracar ao mar
contra atacar

não que o término seja ruim,
nem que a morte seja o término,
é que já não creio no fim,
início, meio e início,
incorporei pra mim.

O bom é que nosso reencontro já tem data marcada: 26 de outubro de 2020. Seja presencial ou virtual, vou amar reencontrar o senhor, meu mestre e amigo confluente.

Abraço forte, Modupé!

Joviano Maia.

gôndolas, redes de balanço

carta de roberto medeiros para cláudio oliveira

Belo Horizonte, 9 de julho de 2020.

Caro Cláudio,

Um amigo, desses com quem se expõe à clara luz e sem rodeios a convivência, e, neste caso, com quem divido uma morada, me convidou para um projeto de envio de cartas, para uma troca possível nestes tempos pandêmicos quando, não ironicamente, alguns contágios parecem mais raros. Me entusiasmei com a ideia e, depois de algum tempo, pensei em lhe escrever.

Não nos conhecemos, mas fui tomado por um escrito seu numa certa madrugada de 2017. Você havia comentado, quase como um diário íntimo, sobre o seu encontro com Giorgio Agamben em Veneza no ano de 2007. Na época desta sua publicação Veneza, Agamben, eu era um estudante de mestrado em filosofia em Fortaleza, a poucos meses de apresentar uma dissertação fazendo uma crítica à subjetividade neoliberal, a partir de Foucault, e há um ano tendo iniciado minha formação psicanalítica numa escola lacaniana. A cabeça estava um turbilhão e eu estava buscando me aprofundar cada vez



mais da obra de Agamben. Os ensaios dele (lembro de me deparar com *A comunidade* que vempouco antes desse seu texto) funcionavam como um respiro e uma pausa, tão importante para o pensamento. Foi muito tocante para mim ler o seu relato. Recordo um amálgama de entusiasmo e um certo deslumbramento, aquela sensação um tanto ingênua de surpresa com o fato de ser possível encontrar Agamben assim, em sua casa; que ele tenha cozinhado para você, que tenham caminhado juntos por Veneza à noite. Talvez tenha sido um momento também de me dar conta que compartilhamos de um mesmo tempo nesta terra – claro, sempre soube que Agamben estava ali vivíssimo, mas não é exatamente disso que se trata. Nós dividimos também uma época com seres tão desprezíveis, eu sei, mas me encho de alegria ao perceber esses vagalumes de nosso tempo, alguns bem próximos, outros mais distantes.

Lembro que meu exemplar d’*O Uso dos Corpos* chegou pelos correios semanas depois, ainda no mês de abril daquele ano, e a minha primeira leitura, até apressada demais, se deu embalada por pensamentos inebriantes, fantasiosos, onde eu imaginava Veneza; me via perambulando pelos becos, encontrando Agamben, conversando empolgado, vibrando, mexido pela leitura do livro, mas ainda como alguém que demandava exemplos daquilo que ele descreve ali como uma forma-de-vida.

Eu já tinha estado em Veneza, por um dia, em 2005. Fiz uma viagem a Europa pela primeira vez aos catorze anos, com meu pai e minha irmã. Eu sempre li essa viagem como uma tentativa do meu pai de nos “distrair”, ou nos alegrar de alguma forma, um ano após o falecimento da nossa mãe, que se submeteu a

uma cirurgia e não resistiu. Lembro que ela sempre teve o sonho de conhecer a Itália. Tenho recordações dela e de meu pai, saindo algumas noites para um curso de italiano, e de sentarem num quarto de casa próximos ao computador para escutar um cd-rom.

Depois de ler sobre a sua visita, fiquei elétrico por alguns dias, envolto na possibilidade de fazer o mesmo: ir a Veneza, encontrar Agamben... (como se o “mesmo” fosse possível! Risos). Por várias vezes eu retornava ao seu escrito e me deliciava novamente com suas palavras, quase como se também pudesse saborear a lasanha de peixe e o risoto que você descreve. E então, eis que, um pouco mais de dois anos depois, eu consegui concretizar a viagem. Iria novamente à Itália, quase como uma primeira vez, e dessa vez me demoraria mais. Escolhi apenas Veneza e Roma. Acho que a psicanálise me ajudou, dentre outras coisas, a abrir mão de bom grado daquilo que eu supostamente poderia experimentar “mais”. Penso ter sido melhor passar muitas noites em Veneza e em Roma do que três ou quatro em várias outras cidades, até porque eu espero voltar. Eu gosto da – eu ia dizer ilusão – da sensação de me sentir familiar, de aprender o percurso do hotel a um novo restaurante preferido, de reparar o mesmo funcionário abrindo toda manhã cedo a mesma loja de pães e doces próxima ao hotel em Cannaregio, de entender razoavelmente a malha do transporte público (no caso, dos vaporettos). Foram oito noites incríveis na sereníssima.

Eu não sei se você se deu conta, mas estava ali no seu relato, e no seu outro texto publicado na Folha, quase todo o mapa do endereço de Agamben. Foi só ligar os pontos e de repente eu tinha o nome do bairro, a estação de vaporetto mais próxima de sua casa, o

número, além do fato de que sua residência se referia ao segundo e terceiro andar do Palazzo. Ainda que estivesse tudo de modo quase óbvio, eu me senti um certo Sherlock Holmes, me permita dizer.

E eis que eu chego em Veneza, na noite de 2 de setembro de 2019. Entenda, Cláudio, eu sou de Fortaleza. Aprendi a me afeiçoar ao mar. Lá não temos gôndola, temos jangada. Mas chegar em Veneza após alguns meses morando em Belo Horizonte foi de um júbilo deveras oceânico. Minhas narinas e meu pulmões faziam Um com aquele cheiro salgado de maresia. Curiosa essa sensação de sentir-se “em casa” num lugar tão novo e que de alguma forma se mostrava próximo mesmo catorze anos depois.

Mas alguma coisa se passou ali, não sei bem exatamente o quê, e eu não procurei Agamben. Podia fazê-lo, mas não o fiz. Pensei em escrever-lhe uma carta e deixá-la no correio no primeiro dia para, quem sabe, encontrá-lo, mas, sinceramente, não sabia o que escrever. Os dias se passaram e eu fui me distraíndo com a cidade, visitando palácios, a bienal de arte, uns dias no festival de cinema, comendo muitíssimo bem, me perdendo. Não andei de gôndola, mas lembro de olhar por um longo período para uma que estava vazia, flutuando sem preocupações, e lembrei-me de quando era embalado numa rede, na infância na casa dos pais. Durante à noite, eu estava procurando pelos espectros de Veneza. O retrato que você fez da cidade nestas horas tardias, quando a maior parte dos turistas sumiam, me despertara muita curiosidade muito antes de eu começar a planejar a viagem. E, de fato, talvez as lembranças mais cintilantes sejam as dos horários já próximos da madrugada em que eu caminhava sem rumo no breu e

no silêncio daquelas noites frescas de fim de verão, após um jantar. Eu estava sozinho e talvez assim os espectros pudessem me encontrar mais facilmente. Agamben só me acompanhava nos livros em minha mochila, e eu fazia questão de levar um ou outro comigo nos meus passeios.

Quem sabe agora, já distanciado quase um ano da viagem, eu possa ver que visitar Veneza não se tratava só de tentar visitar Agamben, mas me visitar visitando Veneza. Eu também pude lembrar-me muito da minha mãe, tentar tocar com certa serenidade algo de um não-vivido, e (me) perceber, olhos em água, que se eu estava ali, era por causa dela. Talvez só Veneza me permitisse visitar a mim mesmo assim.

Eu tinha uma outra expectativa para o tempo desta viagem que também não se cumpriu, mas que meses depois se resolveu: você tinha uma motivação para sua ida a Veneza naquela época, um manuscrito de Agamben sobre Lacan. Aquilo me encheu de curiosidade. Passei o ano de 2017 procurando informações sobre esse texto e nada, até que esqueci. Só soube muito tempo depois que foi lançado, quando me mudei para Belo Horizonte no início de 2019, e aqui não encontrava nas livrarias. Também no site da editora ele estava esgotado. Fui a Veneza sem ter lido essa conferência. Eu tinha, e ainda tenho, muitas questões sobre quais são os enlaçamentos possíveis entre Agamben e Lacan, como se às vezes vislumbrasse lampejos de aproximações conceituais, talvez sem tanto rigor da minha parte, como por exemplo a aproximação da identificação ao sintoma, enquanto efeito da marca de língua, e a ideia de uma vida inseparável da sua forma, uma forma-de-vida. Toda a questão da linguagem e da antropogênese também parece trazer muito pano pra manga para pensar, sejam

aproximações ou distanciamentos. Iria gostar de ouvir como essas questões soam para você.

Só em novembro do ano passado, numa ida rápida a São Paulo, eu resolvi procurar o manuscrito e o encontrei, finalmente, nesta edição em português e francês. Esse texto me é muito caro. Queria agradecer a você por ter ido buscá-lo, e por ter feito a tradução. E saber da sua história para que isso tenha sido possível só faz com que o escrito adquira uma aura especial para mim, mesmo minha edição sendo o exemplar nº 263. Ler o texto da conferência me fez ver como as formulações do Agamben acabam lançando uma iluminação indireta sobre alguns escritos de Lacan e assim me fazem captar certos dizeres antes não acessados. Algo do encontro teórico desses dois consoa comigo.

Lembro, neste manuscrito, da passagem sobre a tabuleta coberta de uma fina cera, para falar sobre a potência, onde ele comenta que esta tabuleta é gravada por sua própria receptividade, por sua própria passividade. Na hora eu pensei que, numa psicanálise, nos deparamos também com um sujeito que vai sendo marcado pelos significantes que vem de “fora”, do Outro, mas também se deixa marcar de forma tal ou qual, e que uma análise enquanto experimentum talvez possa dizer sobre deixar cair a força de uma marcação que parecia tão necessária, e causadora de sofrimento, para perceber não só que se foi e se deixou ser marcado por este ou aquele traço, mas também dar-se conta da contingência da marca mesma, não sem a experiência de “gosto”, de gozo, que aí se envolveu, e a partir daí saber fazer com isto que não é da ordem de uma qualidade ou predicado, mas de um modo de ser ao estar em contato com tais predicados. Chegar até essa percepção da contingência

da inscrição da linguagem (e do efeito singular de gozo disto para cada um) me parece capaz de abrir as portas para uma experiência da língua para um sujeito. São só alguns pensamentos e acho que já estou me alongando demais.

Escrever para você me fez sentir saudades do brilho nos olhos que experienciei na época da leitura de seu relato, ainda com um certo frescor de grandes expectativas. No final das contas, a experiência real italiana foi bem melhor do que qualquer imaginário meu. Não encontrei Agamben, mas estou em paz com isso.

E você, do que sente saudades, Cláudio? Devo dizer também que, nesta quarentena, eu sinto saudades de um restaurante próximo de casa, onde algumas vezes almoçava nos dias em que tinha mais tempo, quando começava a escutar os analisando mais tarde, e podia me deitar na rede que o estabelecimento armava ao lado das mesas, depois de um excelente prato feito mineiro, e ali ficava, por vezes cochilava, num balanço que me presentificava o mar que aqui me falta.

Lembro de ter visto em algum lugar Agamben comentar, a partir da ideia de inoperosidade, que nos falta algo como uma filosofia da cama. Talvez aqui, nesta terra brasileira, pudéssemos ouvir mais aqueles povos capazes de nos falar de uma filosofia da rede. De balanço.

Que esta carta chegue como uma boa onda,

Abraços,

Roberto.

carta para alguém bem longe

de susanna kahls
para olga

Helena Markos Tanzgruppe, 7 de julho de 2020.

Minha Querida Olga,

Me pediram uma carta performance.

Bem surreal, disseram.

Ela seria endereçada a outrem.

Mas minha carta, minhas regras.

E resolvi lhe escrever mesmo sem tempo algum para isso, pois tenho escrito apenas para mim.

Mas não se acaba com algo sem um fechamento.

Um closure.

Um close!

Faz parte do meu show.

Vamos lá?, seguiremos à risca rumo ao surreal.

Único método para te acessar desde que você partiu para essa escola duvidosa de talento mínimo embalado de privilégios ancorados em rostinhos bonitos.

Uma tristeza eu sei, enxergar dessa maneira, ofensiva, talvez. Porém me entenda, é muito duro ver uma promessa acabar como chaveiro de uma startup — ou seria começar no seu caso?

Não me sobrou nenhuma outra saída em seu



mergulho de ponta a cabeça no kitsch. E você mesma sabe, afinal de contas me conhece (há quanto tempo mesmo?), que o kitsch está para mim como a kriptonita está para o Superman.

Será uma carta desabafo. Como aquelas que lotam os anais, que está no livro que eu te emprestei; aquela que fala das “pessoas dos livros”, como nós estamos sendo agora. Ou pior, como você, na tentativa de ser você mesma acabou sendo mais uma cópia de um livro que todos querem, mas não conseguem ler.

Ai querida, eu ouvia o Thiago Pethit quando comecei a escrever essa carta, pois ela não foi escrita num rompante, porque não há mais rompantes; a psiquiatra explicou que eu atravesso essas tormentas agora numa espécie de primeira classe psíquica. Não mais no vago de minério chacoalhando entre “metais pesados”.

Thiago cantava: O inferno está vazio, Cuidado mizifio, O inferno é aqui, Cuidado mizifi... Eu lembrei que o inferno também está cheio de boas intenções. Mas acho que você não se lembrou disso — e aparentemente de mais nada.

E atendendo a pedidos, vamos nos ungir dos pés à cabeça em nome de uma nova mater: OBLIVIUM.

Essa não é do Argento, nem do Luca, é minha mesmo.

Você vai ter de pesquisar no Google.

Seu nome guarda um significado maravilhoso!

À deusa oremos — e que sobre nós caia o éter dessa nova mãe. Maior que todas as outras mães, de todos os outros contos, de todos os outros prédios, de todas as outras festas; de todos os sussurros, de todos os medos, autores, diretores, assassinos, mortos, banidos, esculpidos, pintados, cuspidos, amados, desejados,

corrompidos, idolatrados; de todas as crateras, vácuos, mantas, lebres, avatares e filtros. De tudo, de todos, mas nunca para todos. Porque oblvio é o ouro do desapego, das vestes, dos tetos, da merda, do som, da dor — e por que não das pregas também?

Do funeral ao jardim, com ou sem chuva, ó mãe, rogai por nós e banha nossos olhos e ouvidos exaustos de puro esquecimento.

Inunda de nada o que foi e transborda de nada o que será.

E assim seja feita vossa vontade.

Do lugar que você nos trouxe eu me despeço, com o enigma do espelho da madrasta má desvendado e sempre à mão: o belo nem sempre é o mais justo, porém o justo é sempre o mais belo.

Não há sombra.

Nem há dúvida.

Bjs

S.

P.S.: Eu não caio when I look as a writer.

repeat

carta de pedro rena para gabriela abdalla

Belo Horizonte, 6 de julho de 2020.

Querida Gaby,

Talvez não tenhamos tantas fotografias de momentos que vivemos juntos, mas temos, com certeza, todo um álbum de músicas. Uma coleção de lembranças que, pelo menos para mim, se materializam quando escuto certas canções.

Foram tantas as músicas que você me apresentou, músicas que gosto tanto e carrego comigo todos os dias, como você bem sabe. Quando você as colocava para tocar e dizia “Pedro, você tem que ouvir isso!”, todas eram, por sua vez, disparadas por memórias suas, que te lembravam encontros de outras épocas, com antigos amigos. Como em um poema da Ana Martins Marques, em que ela diz: “É bom lembrar lemb`ranças dos outros como quem se oferece para carregar as compras de supermercado de outra pessoa”.

Quando escutamos músicas juntos, você me faz lembrar, sempre tão encantada, as suas lembranças. E — nesse mesmo gesto — criamos memórias nossas, memórias desses belos momentos que compartilhamos ou-

vindo música e conversando. Você é mesmo uma narradora, dessas que transmitem magicamente experiências contando um caso, nos transportando, como se costuma dizer, para outros tempos e lugares. Você sempre se pergunta, desconfiada: “como transmitir — na escrita — os gestos, as risadas, as entonações da fala?” Também não sei. Mas tento agora, de todo jeito, traçar um mapa de algumas de nossas lembranças neste texto, nesta lista de músicas que você me apresentou, e que agora te apresento em retorno, ordenadas numa playlist. Músicas que são a sua cara; e a minha também, that’s us. Te devolvo estas músicas agora, portanto, as reunindo como numa sacola de compras do Carrefour.

Um dia, com um copo de café ou de cerveja na mão, você me contou um de seus sonhos, e disse que o mais importante e bonito, do mundo, é a imaginação (é isto: quando você conta um caso, você imagina, sonha acordada, e nos convida a entrar nesse seu universo onírico-musical). Não por acaso, as primeiras músicas que coleciono aqui são para escutar como se estivéssemos dormindo: *Cup of dreams* e *Dream baby dream*. Adoro os convites inusitados da primeira: “vamos dançar numa rua solitária, vamos nos banhar num copo de sonhos”. A outra, imagina, com simplicidade: “eu só quero ver seu sorriso, forever and ever”.

Você me apresentou duas das músicas do Bowie que eu mais gosto, *It’s no game* (pt. 1) e, uma das mais lindas, *World on a wing*, em que ele canta (reparo agora na letra e te dirijo essas palavras): “You walked into my life out of my dreams.”

Um dia — um dia de semana —, fomos no Malletta, eu, você e a Susana, quando morávamos nós três, você se lembra? (*Home, is where I want to be, but I guess*



I'm already there; “entre os heads [radio e portis], eu fico com o talking”, como você costuma brincar). Acho que naquela noite não bebemos muito; uma ou duas cervejas. Mas na volta, como que fictícia e completamente bêbados, chegamos em casa, apagamos as luzes (apenas luzinhas vermelhas se acendiam na sala ao lado), e você colocou, na sequência, Up with people e Mannequin. Dançamos, dançamos, dançamos. Por quinze minutos. Como loucos. Fizemos um pequeno-mosh no escritório. Você se lembra? Tell me, why don't you tell me!

Um dia, quando preparávamos uma playlist para uma festa de aniversário, você me disse: “Pedro, você tem que ouvir isso. Isso é maravilhoso!”, e colocou, hipnotizada, Another green world do Brian Eno para tocar. “Todas as nuvens se tornam palavras, todas as palavras flutuam na sequência, ninguém sabe o que elas significam,” ele canta, com todo aquele espanto.

Um dia, você colocou pra tocar Body language, do Queen, e disse: “eis uma música perfeita para um desfile de moda.”

Um dia, você me contou (esse caso você certamente me contou mais de uma vez!) que chegou numa festa, na casa de um amigo, e estava tocando uma música do Arthur Russell. Você ainda não o conhecia. Você passava pelas pessoas, e — em vez de cumprimentá-las —, apenas repetia, espantada, “que música é essa meu deus!, que música é essa!”. Flutuando na sequência dos casos (na frequência dos acasos), você sempre conta da festa em que colocou Arm around you para tocar, e todo mundo começou — numa súbita sintonia — a dançar. Essa música que diz sobre esse simples (mas tão importante e desejado) gesto que nos foi vetado nesses tempos: abraçar. Lembro também que nos agradecimentos da minha

monografia dediquei a você uma outra música do Arthur Russell que escutamos muito juntos (ah!, quão lindo é este título): That's us, wild combination.

Um dia, você me contou quando ouviu a música do Aphex Twin pela primeira vez, “aquela na sequência de Alberto Balsam”, que você deu um salto de susto quando, do nada, uma porta do carro se bate a toda altura na música. Você deve ter me dito: “Pedro, você tem que ouvir isso!”.

Um dia, você me contou sobre a época em que discotecava música eletrônica, colocava pra tocar Oscillations e Headhunters. Deve ter sido na provável passagem de uma dor de cabeça duradoura para um repentino devaneio sonoro. Um desses momentos em que você se inspirava rapidamente, e uma música irrompia, no meio da rotina de trabalho. Você sempre me dá seu clássico conselho para as discotecagens: “as músicas não podem combinar! Tem que ser uma diferente da outra!”. Wild combination.

Um dia, fui eu que te apresentei uma música: The governor, do Nicolas Jaar. Colocamos as duas cadeiras da sala de frente pro som, como numa audição, você se lembra? O volume no máximo. Nós dois parados, olhando pra parede. Você deve ter acendido um cigarro. Comentou: “temos que tocar isso numa festa.” E descobríamos juntos, no dia-a-dia, os lançamentos da época: Julia Holter, Kendrick Lamar.

Um dia, você me contou quando ficava no escritório, ouvindo no fone e cantando em voz alta, repetidamente, a música do Paul McCartney, “coming up, coming up”. Até que alguém chegou pra você e disse: “que isso, Gaby, porque você fica falando caminhar, caminhar?”.

Nessa quarentena, você me ligou duas vezes para falar sobre duas músicas que te emocionam tanto (e você falava mesmo muito emocionada): Berlin, do Lou Reed, e, hoje mesmo, Invenzione per John, do Ennio Morricone, “chom chom chom”. Aprendo tanto com você. Me inspiro diariamente. É lindo como você tem tantas histórias, entrelaçadas com tantas músicas, e como você compartilha tudo isso comigo. Obrigado.

Ah, são tantos dias, tantas músicas, tantas histórias. Não cabem numa lista. Mas, de toda forma, reúno algumas músicas e casos aqui, como numa homenagem.

Como diz o Victor Heringer, temos “vontade de dar conta de tudo, de ordenar um universo por essência caótico. O avesso da lista, portanto, é sempre aquilo que lhe escapa, o que foge e sempre fugirá do conjunto. Por isso seguimos compondo listas. Pelo desejo de viver. Por isso nos fascinam tanto”. Eu diria também: seguimos compondo listas pelo desejo de reviver certos momentos: nas narrações e nas canções. Músicas para celebrar uma amizade, esse nosso encontro de vida. Eis uma lista para você se lembrar mais uma vez — pois já está cansada de saber — o quanto você é importante na minha vida. Uma ideia para você colocar no repeat.

Um grande abraço (por aqui, pelo menos, ainda podemos, né)!

P.

P.S.: cha-cha-cha-chaka-chakan, wanna hug you!

bonjour monsieur

carta de gabriela luíza para randolpho lamonier

Belo Horizonte, dia 1892471 da quarentena, 2020.

Oi, meu amor,

Outro dia eu disse para Helena que quando a gente conversa por áudio eu me sinto a Lygia Clark conversando com o Oiticica! kkkcry

Você já leu essas correspondências deles, né? Ela é escorpiana também. Completamente doida. Eu me identifico para além dos escritos. E você também me parece o doidão da cosmococa com seus retalhos e cores. Você nunca mais me mandou áudio de 18 minutos. Nenhum de nós dois apareceu no dia que marcamos um Skype. Veja que bela oportunidade temos agora.

Inclusive, por aqui, a dinâmica tem sido abrir espaço para novas oportunidades: ela faz o empreendimento dela. Você consegue acompanhar os memes brasileiros daí? Eu os consumo 36 horas por dia. Incrível nossa capacidade de rir no meio da desgraça. Mas, na verdade, não tá tendo muito graça, não. Tá batendo a água na bunda e tá dando tanto medo — m-e-d-o — medo de verdade.

Mas estou focadíssima em abrir espaço. Entre o pescoço e a orelha, entre o cinema e o teatro, entre cada

vértebra, nas narinas... Nossa, quanto mais entra ar — aaaaaa — você não acredita... E eis que inventei um nome para o filme novo que tô fazendo e fiquei bastante feliz. Aí descobri que, na verdade, é um conceito do Foucault! hahahaha Eu amo ser ignorante porque percebo que sou muito inteligente kkkkk.

Ok! Chama BIOpolítica. Provavelmente, eu já tinha ouvido falar. Mas escolhi pensando em fazer uma resposta literal à necropolítica e à exacerbada pulsão de morte que ecoa nesse país. Agora vou ter que mudar o nome porque tenho medo de fazer o filme e algum acadêmico vir me perguntar alguma coisa do Foucault e eu não vou saber responder.

Mas basicamente estou pesquisando a VIDA e tudo que a desperta. Talvez eu filme umas bactérias fermentando, a aula de pilates pelo zoom, minha mãe dançando pagode nas manhãs de faxina, meus sobrinhos de máscara dando tchau pela janela, minha unha crescendo, um celular desligando, a origem do mundo do Courbet. Será que eu me filmo me masturbando?

Sei lá amigo, sinceramente, estou cansando.

Assustei muito quando você disse que não podia voltar ao Brazyl, e essa sensação permanece.

Deu um frio na espinha, meu inconsciente soltou na hora um lááá em londres vez em quando me sentia longe daqui. De novo alegria e beleza em meio à tormenta. O Brasil é realmente bom nisso. A gente não pode decepcionar, hein. Oxalá a gente consiga criar coisas tão bonitas quanto as que o Gil fez no exílio.

Aliás, glória às deusas temos nosso trabalho, né. Sabe que eu acho que é esse life style missionário da art que nos conecta. Tem hora que eu acho até bom ser obsessiva, porque tenho sempre uma urgência gigante

em ressignificar algo. E aí bato com a cara no projeto tantas vezes até conseguir, enfim, me livrar dele.

Isso é libertador. E isso me preenche, me alimenta, me faz passar os dias e desejar ardentemente que o amanhã exista. É um presente dos deuses parir uma obra, mas é uma desgraça a gestação.

Affe.

Mas, na real, eu não quero criar nada mais.

Estou achando que tudo ou já tá feito ou já tá passando da hora de acabar. Tô querendo destruir na verdade. Destruir essas paradas que estão apodrecendo aí deeeeeesde que o samba é samba.

Meu tempo está dividido assim: quando não estou lendo as complexas teorias de 240 caracteres do Twitter estou criando estratégias para destruir uma galeria de arte. Pode tudo a ficção, né, bee? É impressionante. Espero verdadeiramente não destruir uma galeria que tenha te contratado.

Aliás, poucas coisas trazem tanta alegria como ver os amigos crescendo.

Aqui perto de casa tem um salão de festa fudidaço que chama Festas Lamonier. Inclusive, é em Contagem, será que é da sua família? Sei que sempre que vejo essa placa eu penso na festa que meu coração dá quando te vê ou recebe notícias suas.

Outro dia mesmo eu SALTEI, literalmente, da cama quando vi um stories de uma gata pa-tri-cér-rima, naípe dona de loja na Oscar Freire. Tenho maior crush nela, confesso. A mulié postou TODA A SUA SÉRIE DE PROFECIAS. Aumentou meu tesão por ela? Sim ou óbvio?! Mas, na real, o que eu pensei mesmo foi: “caraaaalho essa mulher podia comprar umas obra do Randolpho e pagar todos os boleto do meu amigo”.

Você viu isso? Foi tão chique quando o Instagram descobriu que o Brasil descobrirá que é América Latina.

Profecias, 2018, de Randolpho Lamonier.

Eu morro de orgulho de você. E sou grata de estarmos juntas nessa empreitada que é ser artista marginal nesse país.

Que bom que bom que bom que bom ser contemporâneo seu, assim você não precisa atravessar paredes nem eu — canta a nossa amada Juper.

Ai, amor, tá me dando sono. Preciso aproveitar isso, porque a insônia tá bombando ultimamente. De tanto querer acordar para vida, agora tá difícil é dormir... sonhar... descansar... desligar... relaxar.

Mas bora ver o copo vazio cheio de ar.

Olha, se você ver qualquer coisa do Jean Vigo por aí que não ultrapasse vinte por cento do valor do auxílio emergencial (kkkk), traz para mim?! É a coisa que eu mais amo da França. Esses Jeans: o Godard, o Vigo e o Rouch.

Agora vou te falar uma coisa doída: eu acho que você devia ficar mais tempo por aí, construir seus parangolé, seus paranauê, sua carreira internacional e continuar vivo. Deixando as ryca da esquerda se estapear na porta da galeria por uma obra sua. O Brasil não sabe cuidar dos seus artistas. Se salve amigo. Se salve enquanto é tempo. Mande notícia sempre que der. Eu também vou continuar vivona, te prometo. Sobrevivendo no inferno. Talvez estudando Foucault porque mole pros playba nós não vamo dá, né, bb?!

Te amo,

Gabi.

P.S.: Já falei que seu site tá fudido de lindo, né? E que o vídeo da Bienal de Lyon é um farol para os nossos tempos!



olhos fechados

carta de luiz fortini para manu julian

Belo Horizonte, 11 de julho de 2020, 4:30h.

Cara Manuela, ou Manuella — não sei,

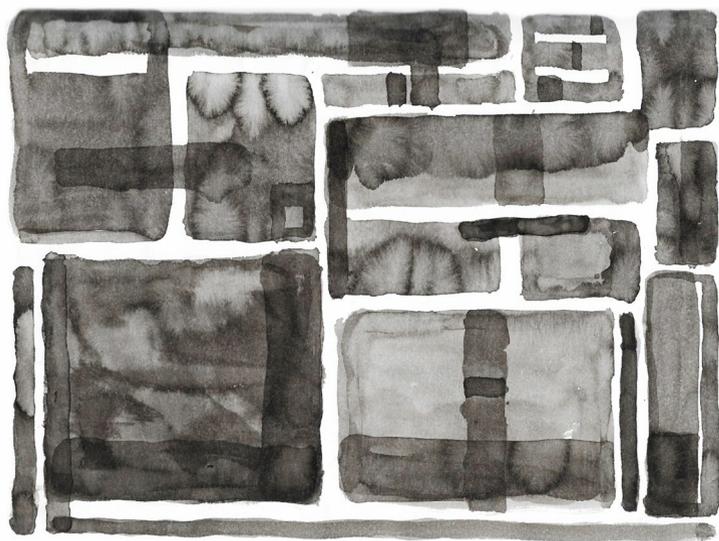
Nunca te chamei assim pelo nome completo — e é estranho —, mas o caso é que esse formato epistolar sempre inspira essa formalidade cafona. A verdade é que temos pouca, ou quase nenhuma, intimidade, mas nesses tempos de isolamento todos são nivelados a esse patamar de cúmplices, parceiros de uma grande empreitada. Pouco importa se tratar de amizades calcadas em longos anos de convivência, uma dupla de noivos, ou perfis que casualmente trocam curtidas em suas fotos: estamos todos nessa mesma rede de interdependência, onde a paciência, a precaução e o sacrifício individual são garantia da solução do problema e da saúde geral.

Então é desse lugar que te escrevo: apesar de não saber detalhar propriamente as pontes que me levaram até te conhecer e das trocas terem sido poucas (mas raras), lhe falo como um sócio de um mesmo mal. A angústia e inquietação que você vem expondo nos últimos dias reverberam em mim de diferentes formas. Porque esses dias não têm me sido muito fáceis. Porque foi com a mesma idade que tens agora que eu primeiro experiei sensações que ainda hoje me acompanham. Porque

o outro sempre encontra palavras para moldar as dores, que nós mesmos sozinhos não encontramos — são tão absurdamente diversos os caminhos, em sua particularidade universal.

Minutos antes de me sentar aqui onde estou sentado, antes de iniciar essa breve carta, fui até a cozinha arrumar um copo d'água e tomar os meus remédios de gastrite (essa que me acompanha também há cinco anos). No curto trajeto até a cozinha, me dei conta que estava com um pé de meia e o outro descalço. Tirei os sapatos e a meia direita para ver o que fazia meu quarto dedinho doer (não era nada) e não coloquei de volta, só percebendo a situação quando senti no pé direito o frio do piso marmóreo da sala. E então me invadiu uma consciência da minha própria imagem: os pés assim desencontrados, somados à minha barba descuidada, um casaco com capuz, e sob ele um gorro. Mentalizei a perfeita imagem de um louco, Manu. Fiquei pensando como devem ser assim os processos de alienação: aos poucos, sem notar, até que se espante consigo já transformado, completamente um outro. Afinal, na loucura (pelo menos em alguma das muitas loucuras que existem por aí), há muito disso: ir perdendo aos poucos, sem notar, a intimidade com o mundo, ir se profissionalizando na sua própria solidão.

Te digo isso pois esses assuntos me tomaram muitos anos, e às vezes ainda tomam. A ansiedade angustiante sempre me apresentava esse terrível futuro louco. E a loucura que me assombrava nunca era a dos delírios, a convulsiva, mas



era essa grande solidão, essa distância irremediável do mundo e de seus assuntos. Construir um idioma particular tão profundamente, que o mundo vai se tornando ilegível. Foi com o tempo que fui descobrindo um violento antídoto para corroer essa força alienante, algo que sempre estivera subtilmente colocado entre meus órgãos. É a escuta, esse gesto de aparência simples, mas de complexidade dissimulada, afinal até hoje muitos acreditam ser algo que se faz apenas com os ouvidos. De forma alguma, Manu: a escuta é terminantemente algo que se faz com as costas. Explico: a escuta acontece naquele momento em que você percebe e aceita aquilo que não está vendo — nossos olhos tão viciados respondem muito fielmente ao que queremos ver, de maneira que temos sempre de sabotá-los. Quando o mundo nos diz algo, o que fica, o que escutamos de fato, é aquilo que continua lá quando não estamos olhando. Nossos olhos seguem projetando desejos pelo mundo, enquanto todo o ruído das coisas vivas (perdão pelo pleonasma, todas as coisas são vivas) continuam a nos recordar que o mundo é maior do que vemos e do que queremos. Por isso se deixar levar pelo olhar é tão perigoso para o ansioso: se possível, ele nunca mais dorme, mantém os olhos abertos num gesto eterno de revisar a vida pelo seu prisma, encontrar nela a grande falha sistêmica que está botando tudo em dissonância. A quebra dessa convulsão está no fechar dos olhos, aquele momento em que se suspende a vigília e se permite que o mundo fale. E ele fala em um enorme turbilhão, que guarda em si uma polissemia que por vezes é totalmente desorientadora. É justamente nessa complexa pluralidade que você pode encontrar a única verdade possível: o ouvir é eterno, um gesto de constante manutenção. Mas como é o oceano com seus abalos cíclicos, esse trabalho

vem de um esforço para o qual sempre haverá energia. É um gesto muito sutil, como andar no breu — a transformação acontece quando o corpo encontra ali uma parede: é o mundo se anunciando, rompendo com a totalidade que fantasiávamos.

Não sei se o que acabo de escrever será de algum uso para ti, corro o risco de estar aqui reafirmando minha solidão ao falar algo, sem saber se esse algo reverbera no outro — esse outro que é você, mas é sempre muitos. Mas quando leio seus versos sobre querer traduzir os sentimentos para números, penso: conte, construa a escadaria do seu prédio de andares infinitos. E pare, de tempos e tempos, para reparar que o mundo está sempre a corroer em milímetros o concreto desse edifício, e assim entenda que é essa natureza do concreto, e o porquê de nós estarmos sempre a erguer essas construções pelo mundo — e o faça de olhos fechados.

Um abraço solitário, mas de quem te acompanha numa mesma missão.

Luiz F.

sempre fomos malucos

carta de manu julian para luiz fortini

São Paulo, 13 de julho de 2020, 02:30h.

Caro Luiz, com Z, não S. — certo? Certo,

São poucas as pessoas que me chamam assim, de Manu-la. É com um L só. Engraçado, quando me chamam assim, muitas vezes soa mais íntimo: e eu não sei por quê. Outra curiosidade é que tenho um nome gigante. Sou a Manuela Julian Gontijo Alves Pinto, a única da minha geração de primos com o sobrenome Gontijo, que herdei da minha avó paterna. Ela se chamava Vilma Gontijo e faleceu poucos meses antes do meu nascimento. Quase que me chamei Vilma! Qual você prefere?

Acho que nossa intimidade é quase espontânea, por mais que mísera. A sensação de realmente ter feito um novo amigo nesse período tão maluco me deixa contente. Quem diria! Mesmo que para papos inúteis sobre os dias que seguem nessa solidão estranha (que nos acompanha a um tempo que se aflora cada vez mais). Solidão que implode numa exaustão e profundo bode de nossa própria companhia.

Sei que estamos em momentos diferentes da vida, e por mais óbvio que isso seja não é tão definitivo assim. Obrigada por me esclarecer uma coisa que não conseguia colocar em palavras. Essa angústia, a desistên-



cia, a solidão. As coisas que sobem como números num termômetro se aquecendo. O espaço onde estamos todos perdidos em vão, tentando dar significado a matemáticas e oferecendo propostas que nem têm a ver com as ciências exatas. Ah, e são tantas as propostas!

Essas propostas e conversas em que só se fala e não se ouve. Quando conversamos conosco, quando esperamos o pior. Nunca pensei na escuta como forma de aquietar esse diálogo que temos ao falar com nossas próprias paredes. A gritaria interna, essa onde as palavras se rebatem como se tocássemos uma música a partir de uma partitura que foi picada no liquidificador. Mas agora o que podemos ouvir?

Eu sinto falta do meu próprio silêncio. Sinto que devemos partir para a espera. Mas será que a escuta não serve para cairmos mais ainda num mundo em que nós mesmos continuamos perambulando perdidos? Se bem que perambular já não é mais uma coisa que fazemos nesses tempos.

Sempre me senti meio maluca quando só. Sempre fomos malucos. Mas agora é tempo demais elaborando coisas. Exatamente porque, no fundo, não sabemos o que queremos ouvir ou que de fato ouvimos quando fechamos os olhos. Será?

Estamos sozinhos e alienados de formas que não imaginamos. Nosso corpo parece que não nos pertence. Nos lembramos dele e de seus membros na gastrite, dor nas costas e como, disse antes, na vontade de fazer xixi. Você também se sente assim? Tem algo de errado nisso, eu sinto. Ou não. A dúvida muitas vezes me fecha os ouvidos e me faz querer entrar no mundo de propostas terríveis. O medo me faz querer estar preparada para o pior. Mas obrigada. Vou ouvir, até porque uma das coisas mais

deliciosa da vida é ter curiosidade. Ter dúvida e ouvir com calma e até prazer diferentes respostas. Com calma, com uma partitura recém-impresa ou escrita à mão.

Te pergunto o que você ouviu quando fecha os olhos e lembra que tudo é tão gigante. Quando olhamos o horizonte não vemos depois daquela linha final, o que nos faz reparar em cada pequeno detalhe. Quando ouvimos, nos calamos e sentimos os arredores como se tivéssemos em qualquer lugar do mundo. Não é possível nunca escolher apenas um sentido. No fundo, devemos perceber quando se calar, quando ouvir e quando abrir os olhos e observar escondidos. Será?

No fundo, muito obrigada pela sua proposta.

Vou fechar os olhos, respirar fundo. Não desejar, almejar, esperar ou temer nada para além daquilo que posso ouvir de dentro do meu quarto.

Um abraço (de olhos fechados),

Manu, Manuela, ou Manuela Julian Gontijo Alves Pinto, ou o que quiser.

queda

carta de benedito ferreira para pio vargas

Faina, 19 de julho de 2020.

Pio,

O trabalho como sismógrafo na Papua-Nova Guiné chegou ao fim. Tentei uma transferência para a China, EUA e Reykjavik. Não deu nem para o Faina. Longe demais da conta e era impossível antecipar os soturnos terremotos que avançam em solo goiano. Aquele lugar teria sido melhor para mim. Mas, querido, estou aqui no cu do mundo. Busquei uma solução simples para aniquilar o que nos incomodava. O avanço indesejável de umas baboseiras, o bueiro apocalíptico de Goiânia e o pássaro triste de Pablo Neruda. Sei que sua obstinação no bar do Setor Central deve ter comemorado bastante enquanto planejava conquistar outros territórios. Estou certo de que você não viu o painel de Jesus com a mão vermelha comendo a melancia, o que é um problema para esta carta. Quando chove em Goiânia, penso na tinta escorrendo de modo a desfigurar a superfície, os olhos, o dedo mindinho, o sorriso vagabundo e o amarelo da composição. A porosidade das palavras resvala naquela conversa que gostaria de ter avançado. Foi logo após minha demissão, dois meses e cinco dias. Não teria dado tempo sequer para comprar um gorro para o frio. Queria conversar contigo sobre esse

Jesus e sobre outras duas imagens do despertáculo que sigo organizando. Olha, não procurei um amigo seu, eu simplesmente decidi escrever para você, meio do nada. Um jeito de aproveitar a vida. Desculpa se tenho insistido nisso. Foi um jeito simples de imaginar como as coisas poderiam angariar novas expectativas. Entendi naquela outra vez que, para que se sinta bem-amado, não é necessário um laço bem apertado. É frustrante não lembrar o dia da fotografia do som automotivo com aquele cavalo amarrado. Tentei todos os registros de datas no celular, mas não deu certo. Gostaria também de ter visto a imagem de Jesus com cores ávidas, dias após sua pintura no prédio do centro. Penso naquele sorriso dele, no cavalo escutando uma música remixada e na sequência das luzes dentro do carro.

Meu amigo, existe um cálculo pouco palatável que compara o final desses tempos e a distância da antiga casa à Praça Cívica. Existe um lenço perfumado na poltrona iluminada pela janela. Existe uma cidade silenciosa no domingo à tarde.

Testemunho: aqueles que amamos, que nos encontram nos mesmos botecos, nossos parentes, seus amigos, Brandão, quem te cita em rodas de conversa. Talvez tenha faltado a Jesus descer do prédio ou que a corda do cavalo se soltasse, a pata firme no solo.

A gravidade é a prova cabal de nossa existência no mundo.



a propósito de estrelas

carta de arthur nogueira para adília lopes

Belém, 14 de julho de 2020.

Minha cara Adília Lopes,

Recebi com muita felicidade a mensagem da editora, dizendo que você “ficou com um sorriso” ao ouvir a música que fiz sobre o poema “A Propósito de Estrelas”.

Desde Vinicius de Moraes, a música brasileira ergue pontes vultosas entre a canção popular e a poesia. Não sobre um mar de rosas, é claro. Vinicius mesmo, nosso poeta mais pop, foi afastado compulsoriamente da carreira de diplomata, durante a ditadura militar, porque sua atuação musical era considerada um risco à segurança nacional. É curioso que, nesse país que teve o caos como origem, tantos prefiram, ao longo dos anos, a tutela à liberdade. Agora, por exemplo, o Brasil está mais uma vez sob um governo ignóbil, devotado ao nada. Mas viva a nobre capacidade de minha gente humilde, que vai em frente, sem nem ter com quem contar. E viva também nossa canção luso-brasileira, herdeira da subversão de Vinicius!

Escrevo de Belém, no norte do país, dentro da épica Amazônia. Aqui é o centro do universo. Gosto de falar assim, porque li em *Jacob's Room*, de Virginia Wo-

olf, quando Mrs. Flanders escreve o nome de sua cidade natal em um envelope: “it was her native town; the hub of the universe.” Entretanto, isolado e, assim espero, protegido e protegendo os demais do vírus, é como se eu não estivesse na cidade. Ela está mais em mim do que eu nela, dentro deste apartamento, neste quarto, nesta cadeira em que lhe escrevo, e de onde não me afasto desde março. Não obstante, é mesmo errático meu rumo, porque viajo pelos livros, entre eles, os seus — seus gatos, suas baratas, suas estrelas.

Não sei como agradecer-lhe por tanto. Não há nada mais importante do que a música e a poesia para mim. Existe agora, no meio de nós, bem mais do que um oceano. Ainda assim, abraço-a com minha voz, e sou só bons sentimentos quando canto.

Gosto muito dos seus livros. Olha, eu gostava é de poder dizer eu gosto de você. E gosto. Nossa canção faz com que eu me sinta seu amigo.

AN.

a dança dos mortos

carta de paulo bittencourt para fabiano calixto

Belo Horizonte, 25 de julho de 2020.

Disse-lhe sobre a imaginária existência de uma carta geográfica que indicasse somente uma cidade esquecida, ou, mais ainda, um cemitério abandonado no coração da cidade esquecida... (“Nominata Morfina”, Fabiano Calixto)

...a garganta da manhã ainda deglutia meu sono inquieto, paralítico. O sonho que antes era amálgama de inconsciência recebeu junto à luz que entrava da fresta da janela emperrada um aspecto de realidade, pois que os olhos se abriram, ainda estáticos, mas agora as imagens se faziam vívidas, enquanto, imóvel pois que preso, eu assistia àquela dança dos mortos: e como eu palmilhasse descalço por essa paisagem pétrea, que ali emanava violenta como um aborto, a sola suja de meus pés tateava aqueles fios encapados com tecido humano, intestinais. Padrões mecanizados em desconexão com qualquer fim-sem-saída, frustração incorporada. O ar era rarefeito e alguns focos de luz saíam do chão, iluminando parcamente em meio à sombra que dominava aquele cemitério de almas penadas. Ali parecia que a superfície não passava de um alusão pré-configurada, mas esquecida pela oxidação do tempo e da umidade. A chuva germinava seus cheiros pútridos, e a vida minúscula da terra não passava de probabilidade

esquecida, e aquela civilização estava coberta pela peste, nessa praia de ossos. A ânsia diante de tal visão assim tão horrível era a do grito, mas a paralisia ainda tomava conta do corpo e, suspensa, a possibilidade de redenção parecia se esvaír em meu entorno. As palavras eram elementos em rasuras forjadas, isoladas pelo signo brutal — o silêncio. Os parasitas rastejam, entre homens — ou seriam eles próprios os homens que agora assumem sua real forma e função: a de sugar o ânimo. O único movimento que ali se fazia visível era pendular, síntese da amargura que descera como chorume pela terra fúnebre, e que agora se tornara fonte para esses vermes transfigurados no reino sem rei de pedra em que se roem sob a angústia universal. Angústia é viver de costas — o chumbo de não ter asas —, suspensão do que já fora a palavra, polha anterior: ritmo invisível. Aqueles que nascem presos não anseiam pela liberdade, pois que ela sequer existe. Sua concepção é ainda potência: luz artificial, num bulbo já fosco pela poeira, o sempre mal contato provocando o ruído cacofônico — o tungstênio maldito que aquece e apodrece o esgoto em que rastejam. Paralisia — essa é a dança a que estão condenados todos aqueles que se recusam a levantar a cabeça aos céus, conscientes de sua efêmera estadia em vida. Aqui não há mais, ou talvez jamais houvera, o movimento. Queixo no peito, visão rasteira, reles, presa ao chão — condenada a jamais erguer visão além. Música infinita reduzida à esperança finda, nesse mar de mortos.

Jamais dançarei novamente, até que dance com os mortos.

Quanto custou-nos a poesia, Fabiano?

sussurro sob a lua

carta de nina gazire para carol macedo

Belo Horizonte, 15 de julho de 2020.

Oi Carol,

Te escrevo para contar sobre uma noite de insônia que tive no dia 9 de julho.

Naquela madrugada, um pensamento dos mais estranhos me deteve de fechar as pestanas. A noite em claro poderia ser por conta da pandemia que nos consterna, mas talvez, num escapismo, me rendi à insônia-devaneio. Fiquei desperta, pensando que a palavra mais antiga que temos para “voz” é “vāc”, em sânscrito: वाक्. Essa premissa não é universal dentro da linguística, mas nos pertence. A voz era personificada como a deidade mãe das emoções. Voz-emoção, o que nos colocava no mundo. Você acha que ela ainda está por aqui? Com o tempo, a deusa passou a ser patrona da escrita e da memória (ela protege os Vedas: um conjunto de textos religiosos de pelo menos uns 4000 mil anos que apontaram para inúmeros estudiosos que nós aqui, falantes do português, compartilhamos uma linhagem atávica na nossa língua compartilhada com indianos, persas e com outras línguas-mãe da maior parte da Europa, o continente que nos colonizou).

Esses parênteses me dão a sensação de como foi o torvelinho daquela noite, chegando agora nessa carta pra você. Pressentimento de que os antigos vedas, deuses de muitos braços, híbridos de animais, portadores de tridentes... Essas imanências estejam aqui falando comigo, na minha voz, cada vez que eu teclou essa palavra.

Foi uma insônia estranha, amiga. Porque eu perdi o sono dissertando sobre a virulência e mutabilidade de uma língua-mãe que uniu parte dos primeiros grupos humanos há pelo menos 10 mil anos. Estranhamente viemos deles e de outros, temos mil mães antes das nossas, mães das quais não temos dimensões. Isso me agarra aos dentes por ter uma mãe falecida. A parte do devaneio reside na tentativa de imaginar esses humanos falando esse proto-idioma: a resistência de vocativos, estruturas ergativas, a resiliência dos vocábulos e, sobretudo, como que a língua se ligava à guarda materna da palavra. Língua-mãe. Nunca vamos voltar a Vāc como ela era, mas seu vírus mutável está em vossa voz.

Não posso dizer de um círculo eterno temporal, mas da beleza — dessa coisa que a Laurie Anderson falou, certa vez, de que a “a linguagem é um vírus”, procriação involuntária. Pensei em outras vias para um resgate do feminino na linguagem. A palavra “emoção” esteve sempre pejorativamente ligada ao feminino. Oremos pra Vāc, o vírus benéfico da mutação.

Escrevendo esta carta, dada com olhos d’água, pensei no “real”, da importância da realeza de Vāc. Ela sendo a mãe das emoções que me permite falar com você através do tempo, dos nossos 20 anos de amizade, dos entendimentos e desentendimentos maternos puerperos da mente nos desprendendo entre o vai e vem da memória.

Quando nos conhecemos na PUC, em 2001, ironicamente tivemos aquela aula clássica sobre a montagem e passagem de Kubrick em 2001: Uma Odisseia no Espaço, você lembra? Do osso ao espaço sideral. Hoje eu penso naquele hominídeo engendrando Vãc, e vice-versa, dos Urais para o Curral. Acho, pessoalmente, mais válido que outras perspectivas sobre aquela montagem, tão desbastada por teóricos taxonômicos. Uma bobeira, porque perdemos a deusa de vista há tempos. Resta o sonho filmico ou o sonho da insônia sobre ela. Dito isto, para os indianos do mundo antigo, as entidades não tinham sexo definido, mas se engendram de acordo com a manifestação que a situação pede: há searas do feminino, do masculino, dos dois ao mesmo tempo, sobremaneira, importante que a voz seja uma deusa depois de tanto tempo, afinal a língua nos pariu.

Por que disserto sobre isso nesta carta? Lá em 2001, quando nos conhecemos, a memória maluca dos tempos de pandemia me trouxe à vista que eu estava lendo pela primeira vez um poeta indiano, e o primeiro a ser galardoado com um Nobel, Rabindranath Tagore. Eu era toda hippie, queria ser da Yoga, e tinha uma fascinação (este é o nome da música que a minha mãe foi levada ao altar pelo meu avô) por Shiva, o deus da transformação, com a lua crescente na cabeça, efigie do tempo inconsistente. Ultimamente, tenho sentido muita falta de ver a lua; meu apartamento não dá vista pra nada e pra isso tenho que ir à rua. Eu tenho medo.

O Tagore que eu recebi naquela época, um poeta místico, me prendeu quando li o verso (sobre nossa persistente específica dificuldade sociológica) que diz que “as verdades que nos salvam sempre foram anunciadas por uma minoria... e rejeitadas pela maioria”. Hoje faz

mais sentido pra mim do que quando eu tinha 20 anos, quando tudo era generalizado e holístico no pior sentido/sentimento do meu campo de visão.

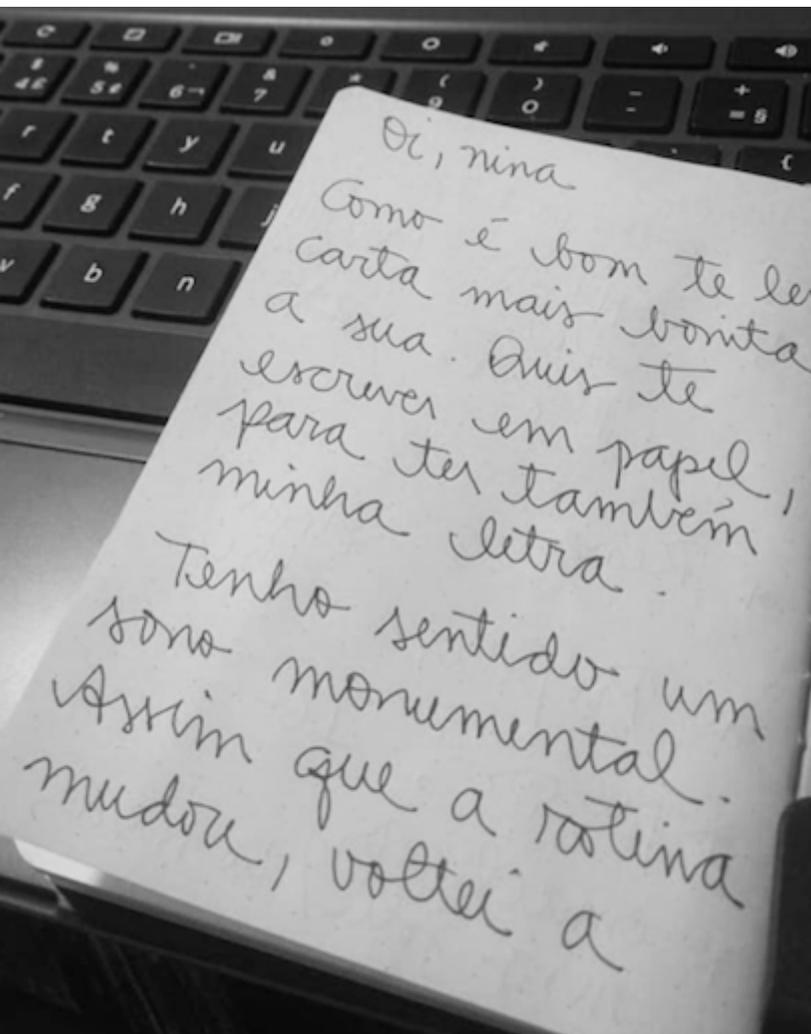
Rememorando nosso réveillon deste 2020 — a primeira vez que visitei Maceió foi pra te ver —, falamos muito sobre nossas dificuldades pessoais e compartilhadas e da dificuldade de falar com o mundo e com amigos. Resolvi, então, coincidentemente buscar uma lua pra nós no livro Lua Crescente (1942), que Tagore escreveu para o seu filho-criança. Ao folheá-lo, encontrei este trecho que me lembrou algo sobre alguma repetição na nossa amizade, sobre você e na distância física que nos toma agora:

*Ela queria ser o vento e assoprar entre os ramos sussurrantes;
ser a tua sombra e alongar-se com a luz do dia sobre a água; ser um pássaro.
e pousar no teu ramo mais tenro e mais alto,
e flutuar como aqueles patos entre as ervas daninhas e as sombras.*

Enquanto eu não ver a Lua de novo, não ver você de perto, não há como terminar esta carta. Parafrazeando o Tagore de 107 anos atrás, o mundo foi retalhado em fragmentos por estreitas paredes domésticas. Como terminá-la se o tempo de Vãc, nossa mãe, continua? Como finalizá-la quando tenho certeza de que ainda hemos de nos encontrar nesse tempo com a emoção de um abraço divino e mil fofocas a serem postas na mesa de café nos alongando com a luz dia em alguma praia? Nós, passarinhas, observando ovos e vidas novas (já tivemos tantas) que estão por vir. Que Vãc nos proteja, te proteja no tempo das janelas e máscaras com vozes abafadas... no mais não há fim... só voz na cabeça, em qualquer lugar. Saudades da sua a menos de um metro.

Beijos e te amo,

Marina Gazire Lemos.



há sempre vida

carta de carol macedo para nina gazire

Maceió, 30 de julho de 2020.

Oi, Nina,

Como é bom te ler, carta mais bonita a sua. Quis te escrever em papel, para ter também minha letra.

Tenho sentido um sono monumental. Assim que a rotina mudou, voltei a sonhar bastante; depois foi diminuindo ou fui me lembrando menos. Ontem eu ia no banco de trás do carro do Jarbas, motorista do Marco Aurélio, de Vale Tudo. A gente subia em silêncio uma rua bem íngreme de BH, mas daquelas pirambas, pirambeira mesmo. Íamos num tempo meio suspenso, de prender a respiração e ouvir o barulho do motor do carro, vruuum, será que vai precisar engatar primeira? E era só isso, uma espera agoniada.

Agora dei para acordar no fuso horário local, pode atualizar meu nome de infância: Carolina Mais Tarde. Cinco da manhã já é movimento, às oito o sol tá phoda. Vejo o tempo passar da janela, da varanda, é uma despedida estraanha, quem a música “tudo demorando em ser tão ruim”. Dias atrás, passei pelo Pinheiro, um cenário de devastação, quase bairro-fantasma. Uma imagem não sai da minha cabeça: uma das casas, já esvaziadas e sem teto, com um pixo em letras grandes

“aqui morava uma família”. A mineração devora tudo — aí, aqui, terras indígenas, em todo canto, não respeitam nada — e ninguém se responsabiliza pelas vidas, pelas histórias, pela memória. Pinheiro, Bebedouro, Mutange, vários bairros sendo completamente engolidos. Susana e Tazio têm vivido esse processo tão doloroso e cruel, arrancando eles mesmos as portas e janelas. Já imaginou desconstruir a própria casa?

Fiz tantos planos pro retorno a Maceió... Embarquei um dia antes de a Europa interromper os voos para cá, pensa no Indiana Jones correndo daquela bola de pedra. Depois foi como entrar numa máquina do tempo, voltando para o futuro, agora em casa, na espera e já conhecendo o que poderia vir. Lockdown (ou tranca-ruas, como sugere Fernando) e boletim epidemiológico na tevê, e não covas abertas em série, só aguardando os mortos; “e daí?”, “não sou coveiro”. Fico tentando imaginar como deve ser não poder visitar um amigo ou um parente, não poder receber visitas e ouvir palavras de conforto. Não poder velar um corpo, rezar, cantar, levar flores, ver o caixão descer, abraçar apertado, segurar a mão, chorar junto. Como é não enterrar ou não ritualizar a morte de um ente querido? Peguei essa semana Antígona, fiquei pensando também em outros tempos, nas mães e avós das nossas ditaduras, nos mortos desaparecidos, pensando no nosso luto coletivo que nunca vem. As vítimas de agora vão ficar no esquecimento, número gelado de estatística? Onde a gente reza/canta e deposita flores em memória delas?

Quando eu era menina, viciada em livros de história, ficava intrigada como era possível alguém nascer na Cracóvia ou em Londres em 1943 — como assim as pessoas casam e têm filhos durante a guerra? Eu que-

ria entender como era a vida em tempos de exceção, de futuro incerto, de grandes pandemias, secas, tragédias, desastres ambientais, guerras. As pessoas continuavam indo à escola? Bebiam com os amigos? Faziam compras, jogavam bola, escreviam poesia? Meu pai respondia “há sempre vida, minha filha”. É tão maluco pensar nisso, né, às vezes até assustador.

Chegamos em breve a BH, eu vezes muito. Meu pai tinha razão, há sempre vida.

Um beijo cheio de saudades,

Carol.

sem artifício

carta de dora bellavinha para manóel ricardo de lima

Belo Horizonte, 21 de julho de 2020.

m, querido,

já estou chorando.

quantas confissões são permitidas em uma carta aberta?
se ana c. ainda estivesse colada comigo eu não faria essa
[pergunta e seria sim muito muito
fingida e debochada mas inteiramente eu (sob a máscara).
mas vc disse recente dessa coisa que gosta em mim, que eu
[não tenho artifício.

então aqui, escancarada _____

a geografia epistolar me aproxima de sua *geografia aérea*
e sinto a sobre das coisas
a sobre de todas as coisas
e a nossa desconfiança: para falar de segredos: sinto falta da
[sua cara no sol,
não numa fotografia exata, mas no fogo do astro,

porque temo mesmo o rosto escondido na sombra do medo,
[do horror, da dor.

sinto falta de te olhar nos olhos sem mediação de tela
e ouvir fulgores de leminski a benjamin
mishima a pasolini
é por isso talvez que eu tenha dito que amava ainda mais sua
[aula que seu texto:
o corpo a corpo, e você vendo que eu choro sempre, sem
[artifício.
retifico: na distância obrigatória estou finalmente corpo a
[corpo com seu texto, e ele me
olha,
e me molha.

sinto que poderia te escrever uma carta infinita
por esse infinito que vc abriu na minha cabeça.
é uma fissura imensa que se estende a todo corpo,
você fontana,
seu gesto faca,

sua palavra só lâmina
ilumina meu ponto cego.

e afastando tudo do centro,
você me disse,
e tudo descentrado não resta nem margem
o espaço aberto
o aberto — Ilansol, rilke —
eu disse: é também assustador.

lembro de outra coisa:
as mãos, você me diz,
é um livro de guerra.
eu leio em voz alta: muitas vírgulas.
eu penso que *as mãos* é um livro gago
gaguejo
e penso em carmelo benne
e penso que vírgulas
inserir uma pausa na luta ao mesmo em que são a luta
contra uma fala infinita que é só dizer
sem dizer nada.

eu quero é a CONVERSA infinita, isto é: ouvir.

(entendo aos poucos a necessidade de um centro vazio, o
esforço de esvaziar o centro, de deixá-lo disponível para
tudo e nada, mas quando vejo, fui arrastada para o meio do
redemoinho e o centro sou EU)

pronomes possessivos.
aquela sua live com annita me deixou em brasa: não consigo
[eliminar os possessivos.

EU estou no centro e ainda sim, onde?
isso tem sido papo de terapia, enquanto discuto o que me é
[próprio (eu, meu).
difícil fazer análise com essa ideia na cabeça

você conhece o deserto, *manoel*?

aqui está. e não.

me sento ao lado esquerdo da sala, sempre.
você me diz: a sua escrita quer colocar o tempo da terra na
[universidade.
fico trêmula: será possível plantar *esse jardim que o*
[pensamento permite?

ou será só deserto?

sobreviva daí, tá bem?
mande cartas
mande músicas (mesmo quando achar que não estão tão
[boas)

mande fotos do teo
e suas: com a cara no sol (mesmo quando sombra)

eu vou sobrevivendo daqui, procurando presente no
[gerúndio
e mando fotos do quintal.

com amor _____,
isa



giro em falso

carta de maraíza labanca para rodrigo brum

Belo Horizonte, 23 de julho de 2020.

Não sei ainda como começar. Acho que você sabe que tenho lá minhas questões com os vocativos, com os modos de chamar o outro. Aquele poema que sempre distorço um pouco, da Ana Cristina C., do Deserto, você sabe qual é? Toda vez que me chama pelo nome, a matéria de que sou feita estilhaça... Bem, mas um nome é diferente de um vocativo, eu sei... Mas como chamar alguém tão próximo? O que colocar ao lado para acompanhar — suavizar? — esse nome próprio que pode até estilhaçar? (Querido? Meu? Saudoso? Caríssimo?) Não sei qual escolher, uma vez que todos me parecem artificiais, imprecisos, quando tento me dirigir a você. Então aparece essa outra mania tão minha: ficar girando em torno do começo, como quem gira em falso. Talvez porque eu tome o começo como um centro, um princípio de vida — princípio no sentido de uma lei, uma causa, uma proposição. Então fico girando em torno do que me causa, como se diz na psicanálise, um pouco desacreditada em relação ao sentido temático. Eu desconfio dos temas e fico com a música das coisas escritas. Eu acho, meu amigo, que desconfio — assim como dos vocativos — das coisas sem causa. E a causa talvez seja a impulsão da pergunta. Afinal de contas, o que me leva a escrever para você, eu que ando

tão exausta do acúmulo de trabalhos sem fim em época de pandemia — lavar, limpar, cozinhar, atender, revisar, editar, cuidar? Ainda me arrisco a trabalhar um pouco (a) mais aqui neste tipo de trabalho que — mais que as outras artes, talvez — parece fugir tanto à lógica capitalista: a escrita literária. Eu não sei as respostas, mas sei dizer que é um trabalho, um trabalho cuja remuneração não é mesmo mensurável, facilmente mensurável, pelo menos. E eu trabalho, como nunca. Mas, acho que você deve saber, o trabalho não é o meu tema. Já foi, por um curto período de tempo, lá pelos idos anos da juventude. Logo se resolveu, a causa se colocou, e eu envelheci, como quem rejuvenesce pelas clareiras do impossível.

Meu amigo, como chamá-lo? Como fazer esse apelo? Ainda não sei... Talvez esta carta vá assim, sem vocativo, porque toda ela é um vocativo... no sentido em que o Nancy fala, você se lembra? Desse apelo ao outro, um apelo vocal. Então eu talvez não diga nada aqui. Talvez, inclusive, nunca tenha havido nada a dizer. O que a humanidade faz, o tempo todo, é esse apelo, essa convocação às vezes desesperada... A anunciação de uma falta. E há tanto tempo você não me grava um poema... Sinto falta da sua voz. A gente ficou muito próximo tão rápido, depois tão longe! Sabe, tenho lido o Derrida e o Barthes como nunca, e aí me lembro de você, de como você estudava o amor neles. Tema imenso, o amor... ou teima? Teima a-temática, como me ensinou a Julia.

Sabe, eu acho que giro em falso em torno de uma verdade. Isto é, giro en vrai? Talvez eu só possa sair de um começo se seguir pelo amor, assumir o tema e a teima — alguém me disse. Mas às vezes acho que, ao mesmo tempo, esse é o tema de todos os começos, causas. Veja: até agora não falei sobre nada... exatamente. Ou

melhor: giro em torno da verdade inatacável de que nunca houve nada a dizer. A gente troca algumas palavras, a gente dá uma palavra, faz promessas. Chama. Suplica. Ri. Você ainda ri da psicanálise e de seus fantasmas? Sinto falta daquela época em que te conheci e em que me sentia muito viva pela sua entrada costurando tudo, a dança das cadeiras e todo o vinho derramado. Éramos deliciosamente irresponsáveis, não éramos?

Meu amigo, digo-lhe, aqui da lonjura da minha saudade, muito real — dessas de matar a gente: o Egito me parece, agora, um lugar ficcional,

assim como o amor.

Da sua
Maraíza.

sonho inventado

carta de glauco gonçalves para waly salomão

Goiânia, quarta ou quinta quarentena do primeiro ano pós-século vinte e um.

Estimado Waly,

Tive dúvida se te contava de um sonho que tive contigo. Achei por bem te dizer que esse sonho nunca existiu, mera quimera.

Invenção desajeitada e de pronto exposta, feito o osso do braço que quebrei aos doze anos.

Esse papo de poeta fingidor já deu, né?! O poeta hoje precisa (re)inventar formas de escrever bulas de remédio: poemas-prozac, rimas-rivotril.

Nesse sonho que nunca existiu, e que nem por isso é menos real, eu vestido de noiva te servia um café num terreno baldio na rua 57, no centro da cidade-césio. Você, que fingia dormir para ser capturado pelas lentes do Carlos Nader naquele filme, tomava teu café de pé e gesticulava com a mão que não segurava a xícara de porcelana. O que você me falava eu não consigo lembrar, algo próprio dos sonhos, mesmo quando inventados.

Eu te contava de um poema gástrico que rascunho pelas manhãs enquanto meu filho se entorpece com vídeos sobre robôs dinossauros no youtube.

Neste poema eu tento tomar teu excesso,
mas ele sempre tão intenso e imenso, não cabe no meu
café.
Minha vontade de gestar no âmago do meu cólon o mal-
estar da civilização
pari-lo em letras
pelo cú(-rto) do século-vinte-e-um-de-vinte-anos

me diz que fonte do editor de texto tem a forma do suco
gástrico?
Eu te digo que estou a produzir um teclado de bile
que escorre
em linhas de intestino delgado

escrita-excremento

é dever do poeta, acordado, em sonho inventado ou em
coma,
admirar a destreza do bolo fecal
que conta com a gravidade
para pousar dentro do estojo da criança
que já não vai à escola

escrita-excremento

esse líquido pulmonar
dá pra tomar

derrame pleural
algum poema precisa falar dele

escrita-excremento

o dever da poesia com mundo em estado de esgoto

pós-esia
pó e cia

Esse desfazimento do mundo combina tanto com você
E eu te dizia isso naquele sonho que invento aqui.

Depois de tomarmos aquele café saíamos perambulando
pelo centro de Goiânia. Você anda, fala, pensa, me olha
e olha a cidade, e gesticula. Tudo ao mesmo tempo.
Teu passo é rápido, tua testa coleciona suor. São três
os botões abertos da tua camisa, dois deles são entre o
peito e a barriga.

Num terreno baldio, engasgo com o ar puro que vive
solitário dentro do buraco do tijolo baiano
o último ar sem vírus
cheiro cada um de seus oito furos
me irrita o concreto que o envolve
sólido demais para o buraco do meu nariz
Você me olha e ri, com os dentes empoeirados

Onde íamos?

Primeiro não necessitávamos de destino, ir já é um
ponto de chegada.

Não há lugar melhor que se perder — eu sei que estou te
contando uma obviedade.

Mas tínhamos um plano: arrumar um modo de tornar
minha poesia gástrica em estado de performance.
A ideia foi tua.

Nessa cena inventada para um sonho inexistente

adentramos, em meio à pandemia, uma lotérica para
lamber seu corrimão metálico.
A fila para receber o auxílio emergencial é enorme.
Agora não vejo a tela branca por onde correm as linhas
que vomito com meus dedos,
vejo você,
abaixado meio que de quadro metendo tua língua
naquele corrimão metálico, frio.
O gosto metálico, o sabor das impressões digitais.

Eu acordo do sonho assustado. O susto não é inventado,
o sonho sim.

Acho foda ninguém ter guardado teu excesso num cofre,
ou na usina de Angra II.
A vacina era você porra!

Um beijo e um chêro
Glauco Gonçalves.

das tripas coração

carta de thálita motta

Belo Horizonte, 08 de agosto de 2020.

A um amigo,

Eu não me lembro a última vez em que rimos juntos,
e não me lembrava o que havia acontecido para que
nossa distância tomasse todo esse fôlego e, como numa
retenção respiratória, perdurasse nesse silêncio por
tantos anos. Pelas minhas contas, não nos falamos há
uns quatro anos e foi terrível quando me lembrei, num
lapso, que havia sido eu a cometer uma inconsequência.
Um rompante, uma vontade de me libertar de qualquer
diplomacia entre nós. Havia uma pressa nisso: eu não
aguento o tempo certo da ruminação, essa mania de
chegar logo no intestino das coisas. Por que diabos a
memória nos troça? Uma memória-saci.

Me lembrei outro dia daquela vez em que
esperávamos um ônibus para sabe-se-lá-onde, e eu,
distráida que só, fui interpelada por uma velha, uma
completa desconhecida, alguma Baba Yaga ouropretana
que, com a força intestinal das palavras diretas ao ponto,
disse assim: minha filha, o seu coração é torto. Sem mais
nem menos. Torto. O incômodo mal disfarçado ao ouvir
essas palavras na sua presença, você com esse coração de

mistério! Era mais fácil chegar logo ao intestino. Besta-é-tu, no caso eu, que achava, no meu ingênuo materialismo dialético, que todo mundo haveria de ter um coração torto. Inocente, não sabia de nada. Era assim tão torto que poderia ser visto a olho nu? E se o coração estivesse no lugar errado, no lugar do estômago ou de um pulmão? Com isso me veio, como quando criança, a ideia de que os órgãos pudessem não estar todos em seus devidos lugares.

Fazer das tripas coração, a frase que me retorna como um mistério mal resolvido. Isso de fazer um grande sacrifício, algo além do nosso alcance, por algo, alguém, alguma coisa que — imagino — se queira muito, muito, ou mesmo se deseje! Mover a função dos órgãos por algo, alguém, alguma coisa que — imagino — precise assim de tanta força, uma força visceral, peristáltica. É preciso muita fé, ou mesmo um amor incondicional, uma certeza muito grande em algo, uma aposta alta para mover órgãos, como um bom cristão que move montanhas ou que está disposto a abrir seu filho, longitudinalmente, se assim Deus ordenar (Gênesis 22-24). Um capricho. 123 testando! Um sacrifício por um capricho, um sacrifício por convicção, coisa que perdi em meio a algum órgão menos importante e à ideia insuportável de fazer parte de algo que não está certo, ainda que bem-intencionado, como nós fizemos em 2013, época em que o inferno era uma multidão de grandes outros. Nós sempre fomos (bons mineiros) desconfiados. Hoje eu invejo qualquer fé, qualquer vontade de eternidade, qualquer coisa que deseje perdurar, porque as coisas se movem muito depressa e não há estômago que aguente. Ou há — desconfio.

Penso em Rabelais, com aquele compilado enorme, com tantas imagens chão-de-feira que até hoje povoam qualquer coisa que eu faça. Deve ter feito das-tripas-coração para escrever uma ode ao baixo corporal, resquício da praça pública medieval, um tempo-lugar em que evidentemente nunca estive — meu Deus como eu amo um hífen! — e que volta e meia frequento ao abrir qualquer das quase mil páginas só para ler aqueles absurdos, horríveis e apavorantes, como o autor mesmo nomeia, dos Grandes e Enormes Gigantes Gargântua e Pantagruel, reis tão caprichosos quanto gulosos. Prefiro o horror de uma outra época, um horror na linguagem, literário. Eu fujo! Me pergunto dos caprichos dos Grandes e Enormes Gigantes do Todo-poderoso em Gênesis 22-24:

Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui.

Amanhã é dia dos pais e me pergunto se Abraão por acaso fosse Sara, mãe de Isaque, estaria assim tão disposta a cortar, observe, com um cutelo, o teu único filho? Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Isaque não sabia de nada, inocente. Sua vida em troca de algumas sementes, estrelas dos céus e areia da praia. Se bem que (...). Por um instante me corrompo. Abraão, o pai, pela fé, pronto para abater seu filho por um capricho divino em troca de abundância; eis-me aqui: materialista e dialética! Sinto estranha compaixão por esse pai disposto a matar o filho, um pai que é um homem de fé. Hoje abandonar é a regra, uma forma de matar sem cutelo. Materialista e dialética, blasfemo. Imagino o terror de Abraão, um terror não narrado: Então, se levantou Abraão pela manhã, de madrugada, e albardou o seu jumento, e tomou consigo

dois de seus moços e Isaque, seu filho; e fendeu lenha para o holocausto, e levantou-se, e foi ao lugar que Deus lhe dissera. O narrador não se preocupou em demonstrar que Abraão fazia das-tripas-coração. Servia com fé, sem hesitar, sem desconfiar. Que inveja da convicção! Fosse o Abraão mineiro, teria se inclinado diante da face do povo da terra tão placidamente, depois de enganar seu filho? Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? Isaque, se é de graça é porque o produto é você. Haja terapia! Freud teria deitado o cabelo. Espero que você ainda esteja fazendo terapia, não se vive bem com um coração de mistérios. Antes torto, como a vida. O que eu não daria para que nossos corações e nossas tripas pudessem ser apenas coração e tripas? Um filho? Um sacrifício à la Tarkovski? Desconfio. Tomara que não!

Com ternura e uma gotinha de limão-capeta,

Th.

os pequenos países

carta de urik paiva para dante

Tende-vos duros, da bonança à espera.
Virgílio

Can you establish stations. I can establish stations here.
Gertrude Stein

*mas era um fogo
desabrochado.*
Jorge de Lima

I plan on writing an epic poem about this gorgeous pie.
Gordon Cole

Praga, 25 de julho de 2020.

Querido Dante,

Nem me pergunte como está sendo viver há dezessete dias no Aeroporto de Internacional de Praga, que se chama Václav Havel, em homenagem ao ex-presidente da República Tcheca e também autor de poesia concreta e teatro do absurdo. Sem falar que liderou a educadíssima Revolução de Veludo, em 89, na saída do país do regime comunista. Ah, mas esses tempos, eu penso agora, não

são de veludo, se é que já houve tempo assim. Bem, estar aqui, vivendo em desconfortáveis poltronas e tomando banhos precários, é tentativa de melhorar um pouco as coisas. É verdade que já estou aguardando por demais o que me foi prometido, mas enquanto espero, observo o trânsito de tipos muito estimulantes, sobre os quais me divirto criando histórias. Então decido escrever a você, com quem sonhei noite passada até acordar, como já é costumeiro, alvejado pela bengala do rabino Shmuel, que vem ao aeroporto todos os dias esperar por alguém que não se sabe.

No sonho, você mia e mia, filhote indefeso que não se contenta com nenhuma quantidade de leite. Não é leite que você quer, não é? Então lhe ofereço cerveja e depois vinho, e leio para você um poema de Ana Cristina Cesar chamado “O gato era um dia imaginado nas palavras”. E fico repetindo esse verso, até que você passa a ser um felino gigante, estranhíssimo, desses que não existem mais ou nunca existiram. Nós conversamos, usando palavras grandes, cada vez maiores, numa língua difícil de identificar. Ídiche, quando o rabino entra em cena.

Digo sem óbices que gostaria de ter continuado com você dentro do sonho, e me permito escrever uma continuação, em que você tem duas pernas e veste uma túnica muito fina, quase transparente, que eu mesmo costurei; dançamos La Valse ao redor da vitrola; seu pau de vez em quando sai dos limites do tecido e aponta certo para mim. Estamos verdadeiramente dispostos ao sexo e ao trabalho, como antigamente. Nosso empreendimento terrível e maravilhoso: o poema épico, a biografia do Grande Buraco, a carta para a agitação dos povos, o manifesto de criação do Partido Anal Brasileiro — as

grandes aventuras de nossos heróis Anitta e Amianto. Vamos tão bem! Mas entendo ser laborioso se manter agarrado às coisas, quando tudo é tão incerto e treme. Procuo entender seu desaparecimento — esse desastre. Pensei em continuar sem você, mas me pergunto como faria sozinho todas as densas e necessaríssimas leituras; como será possível prosseguir sem você chegar na voadora com trechos do Alcorão e do Sureq Galigo? Além do quê, eu colocaria farofa em tudo e perderíamos um algo solene conquistado.

Espero que quando eu voltar ao Brasil, com a receita em mãos, voltemos à labuta. Prometo não discutir mais se hexâmetro datílico é mesmo a melhor escolha para a métrica. Isso se você não tiver fugido para Yokohama com aquele ator ruim. Bem, mas o fato é que não sei mesmo quando vou voltar. A mulher estrábica usando vestido azul-da-prússia ainda não chegou com a maleta contendo uma maleta menor contendo uma caixinha de metal contendo um pequeno cofre que guarda consigo o papel em que está escrita a receita — em persa. Infelizmente, pois não aguento mais apontar onde fica a Victoria’s Secret.

Foi surpreendente receber a mensagem, você não pode imaginar. Embora carregado da opacidade malandra típica de algumas escritas esotéricas, o e-mail foi muito claro e enfático acerca do sabor extraordinário do bolo. Assim: nababesco. Algo que nem a corte de Luís XVI desfrutou. Não acredito que ele vá me causar trinta e cinco orgasmos nem me rejuvenescer dez anos, como garantiram, mas haja curiosidade para essa mistura singular que inclui, entre outros ingredientes que por enquanto não me foram revelados, zimbros, canela, framboesa e líquens. O bolo vai salvar o Brasil — foi o que

me disse madame Zaza. Seu preparo vai liberar grande energia capaz de expurgar todo o mal que se abate sobre nosso puído país. Mas para tanto, ele teria que ser feito durante a conjunção de Saturno e Júpiter em Aquário, em 21 de dezembro, no início do novo ciclo astrológico. Conversa fiada. Assim que eu chegar em casa vou fazer esse bolo e comê-lo até me fartar. E depois contar para minha mãe, o que é notavelmente importante, já que ela não acredita na minha capacidade de fazer bolos.

Madame Zaza disse que a mulher (talvez, afinal, ela mesma) aparecerá neste aeroporto entre julho e setembro com a receita. Não, não poderia ser enviada pela internet, pois os hackers estão de olho. Nações e máfias a cobriam, e dizem que George Soros não paga menos que uma fortuna por ela. A sorte é que está um clima ameno em Praga. Tenho por vezes a companhia de uma chilena que mora aqui há dois anos. Ela ganha dinheiro fingindo-se de cigana e lendo mãos, tudo de mentira. Costumamos jogar cartas e falar mal dos Chicago Boys. Conte bastante para ela sobre o Brasil, e ela realmente achou notável a parte do Louro José. Tomei a liberdade de comentar sobre nosso poema épico: falei dos percursos da Tilápia Voadora, da Suprema Corte das Capivaras Douradas, de Brasília bombardeada por Maria Bethânia a plenos pulmões; tive que citar nosso Woyzeck que só se alimenta de batata frita (não disse a você, mas penso nele como uma espécie de incel); e também que lá pelo décimo canto ocorre um sexo tonitruante que lança seus leites ácidos sobre a cidade, pura destruição, uma cena que nós ainda deveríamos realmente sentar para escrever. Ela vai guardar segredo, juro.

Também posso ter dito algo ao rabino Shmuel. Ele se interessou tanto que me contou a lenda do Golem

de Praga, um gigante de terra que não comia, não cagava, não reclamava, só trabalhava. Conta-se que, no século XVI, o rabino Loew punha o papel que tem o nome de Deus e dá a vida na boca do gigante para que ele despertasse e realizasse diversas tarefas. O papel era retirado na véspera do shabat, deixando o gigante absolutamente inerte, e colocado novamente na segunda-feira. Certa vez, o rabino Loew esqueceu de retirar o papel, e o Golem passou um fim de semana animadíssimo devastando a cidade. Sinto vontade de errar um monte em Praga neste verão, mas preciso esperar o papel com a receita do bolo e tentar salvar o Brasil. Tenho o palpite de que tudo isso ficaria muito bom no poema.

O rabino Shmuel e a chilena, me parece, possuem o espírito teso daqueles que têm muito para dizer e fazer enquanto esperam. Talvez eu seja como tal. Podemos explodir tudo a qualquer momento. Chamo isso de espera ativa? Podemos criar pequenos países aqui — e estas terras serão como um dia imaginado nas palavras. Uma carta na boca — todas as palavras são os nomes de Deus. Espero, escrevo. Querido, esta não é uma carta de veludo. Sinto que madame Zaza me deu um bolo. Sinto que você me deu um bolo. Amanhã o rabino Shmuel vem me acordar com bengaladas.

Um beijo,

U.

coleção

carta de pedro rena para mariana machado

Belo Horizonte, 22 de junho e 22 de agosto de 2020.

Querida Mari,

Ontem assisti com muita ternura ao filme *Ângelo*, que você fez com seu avô. Como você sabe, ele e minha avó eram amigos na juventude. Fiquei vendo o filme e imaginando eles juntos nas aulas de biologia, nas estufas estudando os insetos, escrevendo livros infantis. Você não acha que lembrar dos nossos avós que nos criaram — observando hoje o modo como eles habitam as imagens — é uma forma de pensar sobre toda a experiência e o amor que eles nos transmitem? Lembrar que eles habitam também em nós: para sempre, por inteiro.

Estava por aqui outro dia lendo sobre os “Retratos em movimento” no cinema (você conhece esse texto?), do Luiz Carlos Oliveira Jr., que fala sobre os filmes como testemunhos de um momento, de uma sucessão de pequenas vivências de uma pessoa num dado estágio da sua vida. Este tipo de filme que se constrói menos pela representação de episódios significativos (embora estes não necessariamente se achem excluídos da narrativa) do que pela observação atenta da forma como o sujeito fala, anda, respira, se veste, faz a barba, cantarola na banheira jogando água em sua cabeça com



um pratinho azul, conversa com a neta, convive com as libélulas. Fico pensando que seu filme tem muito a ver com essa ideia do retrato: a atenção à expressão tão singular do seu avô, para além dos temas (não menos importantes) das conversas.

Nesse retrato fílmico, você cria molduras para enquadrar seu avô, tanto no espaço — com as molduras que você cria com as portas, os corredores, o espelho, a banheira, com a própria casa —, quanto no tempo — nas conversas que vocês têm, no resgate de memórias pessoais, nas lembranças que os objetos guardam, no manuseio das fotografias em cena. Como escreve Luiz Oliveira Jr.: “O tempo de duração do retrato filmado, assim, funciona como sua segunda moldura, uma moldura temporal que complementa a moldura espacial do enquadramento.” Os quadros dentro do quadro que você compõe nos fazem pensar no gesto do fazer do filme enquanto construção da imagem, sublinhado através desses sobreenquadramentos.

No começo do filme, Ângelo entra em quadro e se coloca, apoiando nas portas, diante do cenário da mesa que vocês construíram para o filme. Penso em como ele se põe nessa posição, entre a câmera e a mesa, nessa passagem entre o antecampo (o ponto de vista da câmera, assim como o dos espectadores) e o campo (a mesa da coleção). Ele vê diretamente a mesa, enquanto nós vemos a porta o emoldurando. Ele se apoia nas bordas da imagem, posando de costas para a câmera, observando de frente o cenário que abriga a coleção, o espaço montando para a imaginação.

Em um plano posterior, não por acaso, Ângelo reaparece novamente em cena emoldurado pelas formas da casa, por esses recortes do espaço que enfatizam os

fragmentos do tempo dos encontros que vocês tiveram. Você compõe um quadro equilibrado, enquanto seu avô também se equilibra com a ajuda do corrimão e da bengala. O bastidor da cena se faz presente: Ângelo pergunta, “pode ir?”, e você grita, ao longe, “pode!”. Em campo, ele nos diz — como que já encenando e consciente da dramaturgia —, “oh, minha neta, netíssima, que bom que você veio!”, demonstrando, ao mesmo tempo, uma certa espontaneidade da alegria de cada novo encontro.

Depois de filmar as mãos de seu avô se apoiando em um corrimão, de filmar o detalhe de seus cabelos espetados, você o filma fazendo a barba. Fico pensando neste gesto proposto como encenação, que é ao mesmo tempo cotidiano e artificioso: como se ele preparasse a face para uma mudança de rosto, abrindo espaço para colocar uma dessas máscaras que vocês criam no filme. Uma espécie de artifício espontâneo. A câmera se desloca do rosto de seu avô para o espelho. Sutilmente, com esse movimento da câmera, a dimensão da construção da imagem se presentifica no plano. Ângelo se duplica, se multiplica. E você entra em quadro para lhe fazer companhia. Vocês coexistem neste reflexo, neste filme. Você aparece filmando, segurando a câmera. Lembro da cena anterior em que você conta da antiga câmera que ele te deu, em que ele te presenteou com a máquina com a qual fez imagens ao longo de toda a vida. E você, no filme — com uma outra câmera —, faz agora imagens dele, imagens de vocês. Essa câmera entre vocês, portanto, não me parece um instrumento invasivo, como algo que instaurasse uma tensão ou uma disputa na cena, mas como uma espécie de microscópio através do qual você o observa com atenção. Me parece que o que está em jogo aqui é mais uma cumplicidade, uma vontade de

fazer juntos, um desejo de mergulhar nesse universo dos encontros e da ficção. A câmera como um instrumento que provoca e realiza mais um desses encontros — científico e poético — entre vocês. A imagem como mais um lugar em que vocês convivem, se exploram.

O filme como “a brincadeira da estação”, sobre as variações do tempo e do espaço. Filmar como uma forma de “praticar essas pequenas mudanças de perspectivas”, como você nos diz, com tanta beleza. O filme como um lugar de revelação: você o descobre e também se descobre, como nesse momento em que vocês trocam suas perspectivas ao se verem no reflexo de um espelho.

Adoro a cena quando ele nos conta sobre o seu livro *O velho da montanha*, do sujeito da barba de dois quilômetros, e diz que “o cientista é escravo da verdade, ele é preso pela verdade. Eu queria fugir, eu queria criar o absurdo, e só o escritor pode criar o absurdo”. Penso nesse entrecruzamento da verdade e da imaginação, como se Ângelo fizesse ciência como quem escreve ficção e literatura como quem faz um experimento científico. Como se um campo discursivo transbordasse o outro. E no filme a água da banheira também transborda, fisicamente, excedendo os limites do enquadramento. Penso agora na figura de seu avô que transborda os limites rígidos do retrato. Um filme também sobre o mergulho — a imersão no mundo, na memória, na imagem. A água que excede a banheira e o quadro. A água que também materializa a potência da transformação, da adequação a diferentes espaços (a banheira, o rio) e formas (a ciência, a literatura). É nas águas da Serra do Cipó que Ângelo nos diz: “Serra do Cipó é como a mulher que a gente ama, a gente vive com ela a vida inteira, e quando pensa que a conhece, descobre mais um córrego”.

Você não acha que o gesto de olhar as imagens de arquivo é uma forma de descobrir, com o passar do tempo, coisas novas? Tenho pensado na promessa de futuro que as imagens guardam, como nos diz a Diana Klinger, “não é só o presente que ilumina o passado: o passado também lança uma solicitação para o presente”. Algo nas imagens que nos atinge, se a oferecemos novos olhares e ouvidos, “descobrimo algo singular, algo antes desapercibido”, como você nos diz sobre a brincadeira inventada por seu avô.

No filme vocês fazem um retrato posado de Ângelo na cadeira — a moldura das árvores ocupa um grande espaço ao seu redor, abrindo o plano para a natureza que habita a casa. Luiz Oliveira Jr. nos diz ainda sobre o retrato em movimento: “o que está em jogo, acima de tudo, é a captação do traço, da personalidade, da singularidade dos sujeitos enquadrados pela câmera, quase como se a filmagem fosse, em alguns momentos, o equivalente cinematográfico de uma sessão de pose.” Mais à frente, Ângelo segura um retrato seu quando jovem, e nos conta a piada surrealista: “Será que eu era novo e fiquei velho, ou era velho e fiquei novo? Rejuvenesci bastante, rejuvenesci bastante.” A cena é também um bastidor da filmagem, no momento em que você aparece no canto do quadro colocando o microfone no seu avô. Ângelo ensaia o que vai falar na cena: “Tenho que falar direitinho, tenho que filtrar as asneiras”. Você dá sua risada clássica, e bate palmas para sincronizar posteriormente o vídeo e o áudio. É significativo quando ele sobrepõe o retrato antigo fotografado ao seu rosto, ao retrato novo filmado, misturando e brincando com as temporalidades da imagem e as diferentes modalidades do retrato. Ângelo Novo, Ângelo Velho.

Você se lembra quando fizemos juntos a disciplina sobre imagem com o César e ele leu conosco o poema “Coleção”, da Ana Martins Marques? Ela diz mais ou menos assim, se não me falha a memória: “Colecionamos objetos mas não o espaço entre os objetos. Fotos mas não o tempo entre as fotos. Libélulas mas não seu voo.” Fico me perguntando se no seu filme você não procura colecionar justamente o espaço entre os objetos e as memórias de seu avô; o tempo entre as fotos e o encontro de vocês no presente; o desenho do voo de seu avô no ar: os movimentos que ele traçou ao longo de suas incontáveis vidas.

Logo na primeira imagem do filme, vemos o voo de borboletas que cruzam, em câmera lenta, o quadro composto com nuvens, árvores, um canto da casa. Nesse espaço, Ângelo se propôs a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos, povoou essa casa com bengalas, melancias, borboletas, lupas, microscópios, cocares, maracas, câmeras, puçás, cigarras, livros, discos, cobertores, folhas, plantas, libélulas. Quando já velhinho, Ângelo descobre que esse paciente labirinto de objetos traça a imagem de seu rosto.

Com sua câmera-puçá, Mari, você reúne uma coleção de imagens de seu avô sobre um outro espaço, uma outra mesa: a de montagem. Um filme sobre o encontro de um colecionador de libélulas com uma colecionadora de imagens (noto agora que seu braço entra em cena e pega o puçá de seu avô, trocando as perspectivas dos colecionadores; seu avô foi também um colecionador de imagens ao longo da vida). Libélulas e imagens — seres que voam livres por aí, pousando aqui e ali.

Ângelo nos conta de seu sonho com uma nova e maravilhosa libélula, que nunca encontrou no mundo

real. Logo em seguida você nos conta que imaginou uma cena final para o filme e não a encontrou no mundo real. Penso nessa presença não menos real das coisas na imaginação. E na vida que segue preenchida por essas imagens oníricas, que não deixam de se materializar no filme, através da narração. A abstração da ficção e a contingência do mundo, que convivem em vários momentos do filme.

Um filme, enfim, sobre estar à vontade junto. Sobre estar à vontade com o mundo, com a natureza, com as coisas. Como seu avô demonstra uma paixão ao falar da sua vida, das suas múltiplas atividades, das suas inúmeras profissões, das suas viagens no espaço e no tempo. Acho que ele — assim como minha avó — é um desses seres que são de outro mundo. Um mundo maravilhoso dos insetos, das crianças, da literatura. Desses seres que encontram (ou inventam) um mundo dissonante, que escapa de alguma maneira da lógica do capitalismo, não é mesmo? Essa força de uma vivência na imaginação, na fantasia, na fábula-libélula. E com o que essa imaginação tem de mais potente — como forma de perceber e transformar o “mundo real” (como diria Jonas Mekas, “I never understood life around me, the real life, as they say, or the real people, I never understood them.”) Talvez eles não entendam o mundo real, mas com certeza experimentam múltiplos mundos com muita intensidade e beleza.

Penso que a vida nesse outro mundo-microscópico não deixa de ser uma afirmação deste mundo, deste, o nosso, pois todos esses outros mundos não deixam de estar neste mundo nosso, neste, mesmo que de forma imperceptível. Nossos avós são desses seres que precisam de lupas para se maravilharem com

a estranha ordem geométrica das asas de uma libélula (essas pequenas criaturas que são de uma imensidão). Fico pensando nessa política do filme, nessa sua ética: um outro modo de viver, de experimentar, de pensar, de amar, de perceber, descobrir, ver com atenção.

Ângelo simplesmente é. “One of those creatures who simply are”, como canta Arto Lindsay. Uma criatura entre outras. Que pode ela, senão, entre criaturas, amar? Amar: observar, colecionar, inventar, escrever, criar, ouvir, aprender, ensinar, compartilhar. Amar, essa palavra tão importante para seu avô, como ele nos diz no filme.

Um filme, enfim, sobre os olhos tranquilos. Sobre a magia do resgate dessas imagens que trazem “num átimo a presença” daqueles que amamos, como você nos conta com tanto amor.

Um beijo grande,
Pedro.

olhos em lampejos

carta de maria trika para lina

Belo Horizonte, 10 de agosto de 2020.

Lina,

essa será a primeira carta.

Não sei o que te escrever.

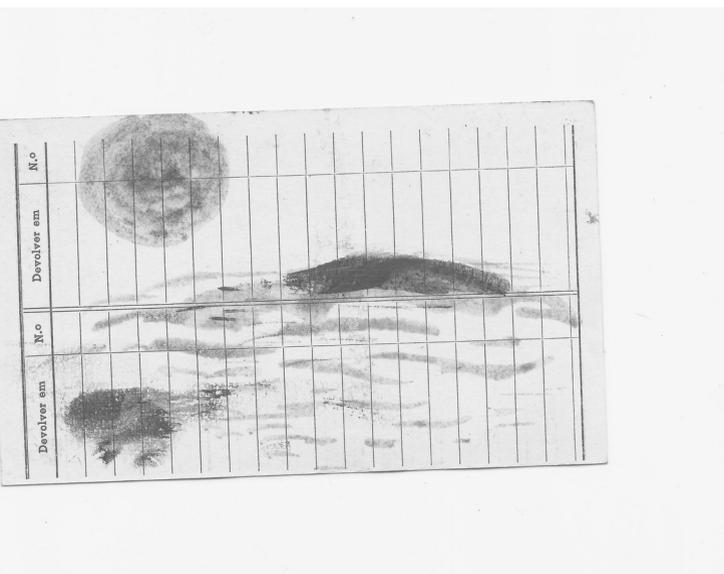
Até mesmo gravei um áudio, enquanto estava no chuveiro, porque uma carta inteira, pronta, apresentou-se enquanto cortava as unhas no escuro - a quarentena anda me levando a redescobrir o corpo. O áudio era para que eu não esquecesse.

A carta seria sobre como você me ensina que a liberdade e o amor nascem juntas. Quando não coexistem, um sombreia a outra ameaçando-a.

Mas esqueci.

E agora, ao ouvir, somente escuto uma voz longe e o som da água caindo.

Então,
terei que inventar
para lhe dizer.



Você lembra da primeira vez que veio?

Foi em meio a um voo.

Estava longe de casa, indo para um lugar desconhecido. Antes que a aeronave tocasse o chão, você se rompeu em minha mente. Cegou meus olhos e entregou um texto inteiro, pronto. Junto à ordem que o escrevesse.

Fiquei possessa. Bem puta mesmo. Te achando, desprezivelmente, petulante e enxerida.

Não escreveria.

Quando já andava pelo chão, percebi o absurdo de tudo aquilo. Afinal, estava sozinha e a ideia só poderia ser minha.

Escrevi.

Quando pronta a li com os olhos em lampejos. Havia na minha palavra escrita algo que não me pertencia: um som sussurrado de outra voz no fundo das palavras, uma coisa estranha, uma memória que nunca tive, com corpos azedos que atritam-se nos espaços.

Tudo ali me desconhecia.

é você

Não sabia como lidar contigo:

Sua escrita cospe. Rasgando as coisas, arranhando todas as imagens que cria, apoderando-se de palavras que jamais retornarão intactas ao ponto de serem 'minhas'. Você as toma de assalto, as deseja para si. Faminta me arromba a forma e a vontade para, em seguida, desaparecer.

Me deixa destroçada, cantando poucas sílabas que restaram para escrever como me reerguer. Impetuosa volta, somente para estilhaçar tudo o que construo. Vem como e quando quer.

Com o tempo, apenas aceitei a tua escrita na minha, contaminando as ideias, as palavras e os desejos.

No entanto, como contestação, mantive uma ponta do meu nojo por suas histórias e um ranço da forma com que as manipula.

E agora? - me perguntava.

Depois de muitos meses, você absorveu o sono de uma noite, debruçou os cabelos sobre meus dedos e teceu um cont(que desisti de ler ao acordar).

E agora?

Quando escrevi pela primeira vez, te senti. E, agora, te relendo, perco até o cheiro, a desconheço ainda mais do que antes.

Algo na sua energia vital vomita em cima do mundo e o morde de volta. Em cima do vômito, da carne podre e das coisas mais desgastadas.

Você devora.

deixando-se ser devorada.

ensina
a não negar a fúria e a raiva das coisas. A energia agressiva que aguenta nossos corpos. O sentimento da reação, a ação das coisas: o tesão que dói ao invadir a rua, o amor que treme ao se movimentar por dentro, a febre ao roçar o corpo da mulher que amo, o rasgar da voz ao ter que me fazer escutar, a possibilidade de levantar em espanto ao ver uma cena...

Qualquer energia que sirva como devoradora dos contratos da passividade, que nos obrigam a manter a agitação numa única cadeira.

Hoje, apenas sinto tua escrita
'apoderando-se de mim quando quer',
escarrando pelos meus dedos
a fúria necessária das coisas.

Inclusive aquela que desconheço e
a de meu próprio corpo,
no escuro, cortando as unhas.

Como você habita o seu corpo?

Com amor,
Maria Trika.

jogar linhas

carta de marina rima para mauro figa

*Bauru, país dos baurets, 30.07 – 03.08 – 07.08 – 10.08 –
19.08, 2020.*

Mauro,

Vaca, manacá, nuvem, saudade

1. Uma coisa que me interessa muito é o começo das coisas. Eu sou boa de lembrar de começos, gosto de marcar o tempo. Mas a virtualidade impõe uma sintaxe outra: se as coisas estão no simultâneo, como capturá-las e ordená-las?
2. Outro dia te pedi para escrever a orelha do livro, mas demorei a dizer. Na verdade, foi um pedido pelo impulso. Eu não pensei muito, só pedi. Você disse que sim, mas deve ter se perguntado por quê. Bom, eu acho que sei o porquê.
3. Voltando ao virtual, você acha que a gênese da materialidade na virtualidade se dá como? É como nesse mundo analógico em que você planta uma muda e ela cresce? Ou você acha que soa mais como se você des-plantasse uma árvore e plantasse ela em outro lugar?

4. Tem também uma coisa que é a aura. Aparentemente, cada um tem a sua. Você acha que a aura é uma coisa que é possível de capturar na virtualidade? Ou você acha que existe uma aura analógica e uma virtual?

5. A pessoa que escreve agora isso é uma pessoa virtual. Meu eu virtual é como meu eu analógico, mas um pouco mais distante de mim. E, por isso, distante de outros. Acontece que eu já te conheci antes, mas essa pessoa com quem eu falo, quem é?

6. Eu pensei, então, em escrever uma carta. Porque uma carta é algo muito pessoal. Assim, eu estaria o máximo próxima de mim para poder me aproximar de você.

Vislumbro certas coisas de onde estou

1. Quando comecei a escrever essa carta, descobri que é muito difícil escrever cartas, assim, abertas. Porque como eu poderia dizer algo pessoal de forma pública, sem soar ridícula? (Neste momento que escrevo agora, digo a mim mesma que sou poeta e sei mentir).

2. Bom, a verdade é que ensaio tanto para dizer qualquer coisa que na maioria das vezes não digo. Não porque eu queria dizer e não sabia como. Não porque eu queira dizer e tenha receio. Não chego a juntar as palavras na minha cabeça. É como uma nuvem de signos que não conhece nenhuma sintaxe.

3. Então, te pergunto as coisas. Como quando perguntei se você queria escrever a orelha do meu novo livro.

Eu que existindo tudo comigo, depende só de mim

1. Não costumo comentar muito porque sempre sou mal interpretada, mas a verdade é que nunca edito poema nenhum. Sempre escrevo de uma vez, geralmente leva poucos minutos e raramente volto àquele poema. O poema, pra mim, tem isso. Não é uma coisa que eu penso penso e escrevo. É uma coisa que eu escrevo e penso penso. É como se outrem (que fosse eu) deixasse uma linha para que eu puxasse e mostrasse para esse outro (que não fosse eu) quem eu sou. Mas sou eu, sempre. Embora, outra. Embora, eu.

2. Por isso que escrever essa carta tem sido tão estranho. Porque em cima desses blocos de textos há outros blocos que escrevi e abandonei. Ideias descontínuas. Coisas para apagar. Me autoconsolo dizendo que é difícil escrever cartas. Desvio para mim. Faço perguntas.

Naquilo tudo que não tem fim

1. Quanto mais próxima chego de dizer qualquer coisa, menos palavra encontro. Ou menos claro é.

2. Não posso cair na tentação de abandonar um poema que não diz nada ou uma carta aberta que insiste em manter-se em segredo.

Não sei o que vai ser

1. Talvez queira ter escrito essa carta pra ficar em silêncio.

2. Talvez tenha decidido escrever porque sabia que não escreveria.

3. Talvez eu não saiba me comunicar virtualmente, através de cartas ou mesmos em áudios de wtspp. Talvez não seja a mensagem, talvez seja o meio.

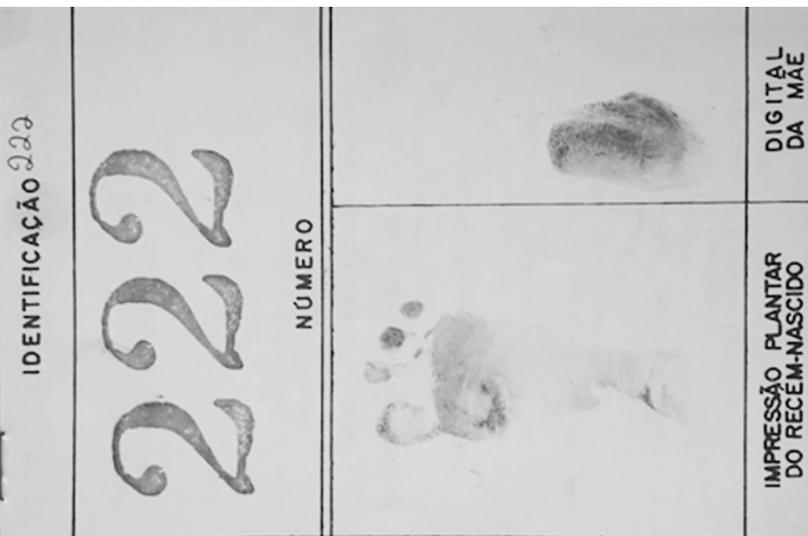
Coragem grande é poder dizer sim

1. Mas eu disse que sabia porque tinha te pedido para escrever a orelha. Eu sei por quê. Esse pedido é o poema. É algo que escrevi sem pensar. É uma resposta que não sei a pergunta. É um jeito de marcar o tempo. É uma forma de ficar próximo, estando km de distância. É uma cerveja que a gente não tomou. É um jeito de fazer reverência. É uma maneira de sonhar. É uma maneira de deixar-se ver a aura do que é virtual. É uma maneira de morrer. É uma maneira de estar vivo. É um movimento. É um diálogo. É uma música que não existe ainda. É um poema dramático. É uma forma de contornar os significados. É uma carta difí-

cil de escrever. É um jeito de jogar uma linha. É um abismo para se jogar.

Sua amiga virtual e analógica,
Marina.





a alguém que nasce

carta de kima para tereza

Belo Horizonte, 24 de agosto de 2020.

Tereza,

Bem-vinda ao mundo.

Já tem alguns meses que você chegou e eu tô sofrendo por não poder te dar um cheiro. Mas essa noite sonhei que finalmente te pegava no colo.

E eu não sei por que, já que o sonho é meu, mas você tava toda vestida de rosa, daquele tom que chega a cansar os olhos e que eu odeio.

Até expliquei pra Rimenna que a roupinha de tigrinho que comprei pra você veio da sessão masculina, porque é lá que as roupas legais ficam.

Enfim, o importante é que nesse universo cósmico do sonho a gente já se conheceu. E no sonho não tinha quarentena, nem nada. Só amor e abraço.

Você é um bebê da quarentena e acho que você vai ouvir pra sempre essa história. E eu vou estar lá pra confirmar que o bagulho foi sinistro mesmo.

Mas eu saquei qualé a tua. Nascer na quarentena significa colinho de mamãe e papai 24h por dia. E já tendo eu mesma usufruído desses cuidados posso afirmar que a madame está certíssima. Gruda neles e não solta.

Tô escrevendo pra te confirmar o que te disse no sonho: que vou estar por aqui pra ajudar a te receber. Mas é até estranho dar as boas-vindas assim, prum bebê v1d4 10k4 que resolveu nascer no Brasil em 2020. O que eu tenho pra ensinar pra você? Eu sou um bebê dos anos 90. Cresci na Era Lula, mamão com açúcar.

Fora que depois que a gente cresce a gente descobre que esse negócio de “adulto” nem existe e ninguém sabe muito bem o que tá fazendo na vida.

Por isso acho que melhor mesmo é eu colar com você e ver o que você me ensina. Pelo menos é o que eu faço com seus pais.

Um cheiro, um abraço, um sorriso bobo, um beijinho na cabeça, uma mordida no pezinho...

Tia Kima.

nenhum negar

carta de guilherme del debbio

Belo Horizonte, 17:23h, 27 de agosto de 2020.

Você acabou de sair. Pelos fundos. E deixou as chaves. Deixou também uma nota em que pedia desculpas por não ter trancado a porta. Pensei: talvez era para que ela ficasse aberta. Fui eu, então, a deixar. Assim: aberta. Voltei à mesa e resolvi escrever-te. Escrever você e a você. Uma carta sempre chega ao seu destinatário, dizem. E assim sigo. Procurando por quem devo escolher para que porte o destino da minha rosa. Gosto das brancas. Nunca vi o branco mais vivo e cheio de cor como numa rosa. Seu brilho é tão intenso que cega o próprio sol. Lembra-se de quando você me disse que eu era como o girassol? Que eu me abria e depois me fechava para depois me forçar novamente a abrir? Te respondi no mesmo instante: alguns me assopram e você é um deles.

Também me lembro de quando você se foi pela primeira vez. Meu chão se abriu. Não conseguia distinguir o branco do brilho, a noite da escuridão. Foram dias de reclusão. Não havia um sopro sequer que me fizesse querer se abrir. Até que, como num passe de mágica, flori. Você não havia voltado, mas criei a imagem de uma estrada reta, sem curvas, deserta, que me levava até você. Na verdade, era um percurso. Que preservava a ausência de um destino ou de um ponto de partida. Dirigi

por horas a fio, musicado que estava, com um sorriso de soslaio.

Você voltou. No entanto parecia diferente. Aproximava-se mais sério do que de costume para me escutar. Falava menos, mas era intensamente mais presente. Me acompanhava nos meus passos mais imprecisos. Me sentia diferente também. Talvez por ter inventado uma nova forma de te observar. Seus olhos sorriam. Seu corpo vestia trajes simples e não havia uma gota de suor em sua testa. Estava sereno e sábio. Te acolhi imediatamente. Não me era estranho que sua estranheza se dispunha de uma lógica matemática. Mesmo com a minha paixão pelos números quando criança e adolescente, não consegui resolver a equação. Havia sempre uma variável que se deixava inócua, sem valor. “É aí que estou”, você me alertava com ternura. Da paixão pelos números, escolhi fazer da minha vida algo que me levasse à lógica da existência. Claro, continuei sem encontrar o valor da variável. Hoje sirvo de ponte para que cada um que me procura se interesse por sua própria variável sem valor. Que nela a resposta seja a própria resposta.

Há uma outra imagem da qual me recordo quando te escrevo: você, com dificuldades de respirar, me olhou nos olhos durante cinco eternos segundos como se quisesse me dizer algo. Em seguida, desfaleceu. Suas extremidades rapidamente se esfriaram. O médico me afastou de ti e desde então não mais conversamos. Até o momento em que se foi, depois de três meses assustado pela possibilidade de ser você o próximo adversário da morte no xadrez. Visitava-o constantemente. Aprendi a ler os seus lábios e escutar o seu silêncio. Essa cena e o seu olhar me marcaram. Já com a ausência de palavras,

aprendi a lidar. Quem sabe foi isso que você quis me dizer?

Me recordo também de você, corpo quente, deixando que eu postasse meus dedos frios de vento sobre a sua pele. Ali eu me aquecia. Ah! Como eu amo o vento! O que ele carrega de território em território até que sua raiva se transforme num redemoinho gigante que levanta casas? Sempre achei que deveríamos amar o vento. O seu canto aparece quando toca os objetos. Ele, sim, sabe o que é dar vida aos objetos. Como Llansol. Ah! Llansol! Aprendi com ela: “O devir de cada um está no som de seu nome”. Você a conheceu comigo. Lembra?

Por fim, uma pequena anedota: às vezes me perguntava se você era homem ou mulher. Passei anos sem conseguir me certificar de seu sexo. Não de seu gênero. De seu sexo. Gênero é coisa antiga, já entendemos isso. E hoje, depois de ver você sair pelos fundos, não mais me afligi. Resolvi contentar-me com você sem nome e sem sexo. Será que pelo fato de não te pronunciar eu nunca pude localizar a sua presença? Llansol diria que sim. Eu cá fico na dúvida. Na certeza da dúvida. O que me conforta. Acredita?

É isso, acho.

Me bipe caso eu esqueça a porta trancada.

Ficarei atento. Prometo.

Gui.

do começo (ao fim)

carta de lislely braun

Belo Horizonte, sete de setembro de dois mil e vinte.

Escrever por extenso o nome do ano mais se assemelha a gritar em meio ao silêncio das coisas. A gente começa com constrangimento e bem decididos — como quando fingíamos não perceber quão violento era terminar os adjetivos sempre em “os”.

Minha primeira carta barrada foi meu pai quem impediu, alertando-me que na ocasião daquelas cinco páginas a mão, aos dez, eu me expunha em demasia. De lá pra cá foram anos de exposição, excessos, impedimentos, frustrações, não envios. Tudo que flerta com a medida parece chegar no pai novamente, mas essa carta não é sobre isso.

Em meio às cinco páginas havia solta uma foto minha, como essas do instagram nas quais sonho que alcancem destino, esforçando-me para caber inteira: eu presente. Fantasia embaçada de auto estima. Voo sobre desmoroamento. eu ausente. Fica um certo tom de autopiedade, mas essa carta nem é sobre isso.

Não foi simples retirar aquelas folhas da coleção de papéis de carta. Lembro do cheiro de páginas rosas às quais acrescentei meu perfume de então. Desfaltar uma coleção para dar o envelope como novo lar do desencontro. Acreditar mais uma vez que estou me entregando de-

mais quando na verdade nem da gaveta saí. Poderia ser uma carta sobre entrega e verdade, mas não é.

Com tinta azul escrevi daquele jeito torto a história que inventei para nós dois. Repleta de anedotas, como gosto de falar da vida até hoje, a narrativa assumia curvas impensáveis e as curvas se desenhavam inenarráveis. De certa forma, toda carta é sobre o que não pode ser dito.

Menos essa.

A ansiedade perfumou ainda mais aquele embrulho, indagação insistente a respeito do efeito daquele gesto sobre você. Sensação de salto livre no abismo — sei que foi aí que me barraram. Poderia escrever uma carta falando da minha teimosia em me lançar nos abismos, mas não escrevi.

A carta volta e meia se revira na gaveta. É reescrita e não enviada a incontáveis destinos com rostos diferentes iguais. Repetição é essa arma apontada para a gente mesmo, o que renderia um excelente tema para uma carta que eu não levei a sério. E nem é o caso.

Sonhei um dia que a carta chegou na sua casa e que você a lia de maneira atônita. Pude sentir seus olhos me despindo à medida em que me insinuava nas palavras gigante e miúda, atenta e tola, morta viva — pequena criatura. Acordei em sobressalto quando vi interromper seu olhar deslizante pois não compreendia o léxico que eu inventava. pensei recentemente em escrever uma carta confessando meus deslisleys, mas soou desnecessário.

Se o tanto que minha letra melhorou desde os dez testemunhasse avanços em geral. Se eu tivesse aquele mesmo desprendimento quando o assunto é solidão. Se a sua não resposta não me congelasse no lugar de resto. E se restos não fossem tão sedutores — essa carta

seria sobre isso.

Mas é no final das contas, na última linha, no modo de despedir, que a carta se revela. Ali ela se faz de sopa de letrinhas em promessas contagiosas. Indiretas autocomplacentes, insinuações bregas, mentiras amáveis, verdades odiosas. binários medíocres, p.s.'s envaidecidos. Dor. Resto. Repetição. Silêncio. Abismo. Envio. Não.

Essa carta poderia ser sobre despedidas, mas não conseguiu.

Com miúdo amor gigante,

Sua L.

P.S.: Alguma piada interna nossa disfarçando o desgaste dos anos, enaltecendo que sabemos rir de bobagens, enquanto não sabemos tantas coisas mais.

projeto surrealpolitik

surrealpolitik nasceu como um projeto de revista de textos literários e ensaios de investigação estética e política, além de entrevistas, resenhas, críticas e imagens. Para financiar a impressão do material, passamos a dar festas na Growleria de Arte, bar de Belo Horizonte (MG). A pandemia frustrou nossos planos de lançar o primeiro número da revista em 2020, o que só deve acontecer no próximo ano. Para então movimentar as engrenagens do pensamento, resolvemos dar início a um projeto derivado, *Geografia epistolar*, uma plataforma de cartas poéticas enviadas para pessoas em diversos lugares, buscando dialogar com elas sobre suas práticas culturais e artísticas e investigando a relação delas e de seus fazeres com o atual estado de coisas do mundo. **surrealpolitik** é revista, festa, troca de cartas e o que mais vier — formatos, poéticas, tramas, jogos, onirismos das mentes inquietas de Pedro Rena e Urik Paiva, dois viajantes na estrada do espanto. *Geografia epistolar* é o primeiro livro da **surrealpolitik** edições.

sobre os organizadores

Pedro Rena, nascido em 167 a.C., integrou a equipe de engenharia de Qin Shi Huang durante a construção da Muralha da China. À despeito de sua vasta porém melancólica experiência prática com as estruturas imperiais, foi desertado da engenharia dos muros, permitindo se lançar em outra engenharia, a dos textos, desses objetos com fronteiras mais fluídas e vulneráveis. Migrou-se então para Belo Horizonte e cursou Letras na UFMG. Não totalmente satisfeito com seu já então complexo e contraditório curriculum-vitae, se arriscou na curadoria de filmes com a Mostra 68 e Depois. Passados alguns séculos, ingressou o mestrado em Comunicação Social, integrando o grupo de pesquisa Poéticas da Experiência, assim como a equipe de curadoria do Cinecipó.

Urik Paiva nasceu em 1770, mas aparenta ter apenas 31 anos. Formado em Belles-lettres, defendeu tese sobre A poética estrutural das cartas – De Marquês de Sade a João Gilberto, com orientação de Roland Barthes e supervisão de Brigitte Bardot. É cearense radicado em Belo Horizonte. Publicou contos e crônicas em jornais e revistas literárias. Durante uma entressafra, foi assessor de relações exteriores de Luís Bonaparte. Atuou como backing vocal da célebre dupla Dona Summer & Giorgio Moroder. Nos dias de hoje, trabalha como revisor de texto, produtor de conteúdo e editor freelancer. Faz bico como mímico e ventríloquo numa empresa de persianas.

remetentes e destinatários (as)

Adília Lopes, pseudônimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, nasceu em Lisboa, em 1960. Começa a publicar a sua poesia no Anuário de poetas não publicados, da Assírio & Alvim, em 1984. No ano seguinte, publica o seu primeiro livro de poesia, Um jogo bastante perigoso, em edição de autor. Desde então, lançou diversas obras, sendo considerada uma das mais destacadas poetas contemporâneas em língua portuguesa.

André Elias é professor de história. Formado em História pela UFMG.

Antônio Bispo dos Santos é lavrador, poeta, escritor, professor convidado em universidades e liderança quilombola ou, como prefere ser reconhecido, “um tradutor dos saberes”

Arthur Nogueira (Belém, 1988) é cantor, compositor e produtor musical, com quatro álbuns próprios e canções escritas para grandes vozes brasileiras. É autor de melodias sobre poemas de Antonio Cicero, Adonis e Rose Ausländer..

Augusto Barros é cineasta. Formado em Comunicação Social.

Benedito Ferreira é artista visual.

Breno Henrique é mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA. Realizador, curador e pesquisador de cinema. Foi professor no curso de Direção de arte e Cenografia no Núcleo de Produção Digital da Prefeitura de Belo Horizonte. Diretor do curta metragem “Como se o céu fosse Oceano” vencedor do prêmio de melhor filme na Mostra Competitiva Minas do 21º FestcurtasBH – Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte.

Carina S. Gonçalves é formada em Comunicação Social. Trabalhou alguns anos como redatora publicitária e hoje é mestranda no programa de Estudos literários da Faculdade de Letras da UFMG, onde pesquisa a obra da poeta Marília Garcia. Ministra oficinas de escrita criativa e é autora do livro de poesia “Nada acontece” (2018) pela editora Urutau.

Carol Macedo é mestre em Comunicação Social (UFMG), co-idealizadora e editora da revista Marimbondo.

Clara Delgado é poeta, letrista, professora de português e estudante de Letras na UFMG. Está em processo de feitura do seu primeiro álbum, que apresentará suas canções inéditas em parceria com o compositor Flávio Henrique.

Cláudio Oliveira é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde leciona desde 1994, e Membro Colaborador Externo do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da UFRJ, desde 2019. É membro do Conselho Editorial da Coleção Filô, da Editora Autêntica, onde dirige a série FilôAgamben. Também pela editora Autêntica, publicou traduções de Platão, Giorgio Agamben e Barbara Cassin.

Dante, como o florentino, é poeta.

Dora Bellavinha é artista e professora de Literatura. Dirigiu o projeto Entre – uma casa que se torna [instalação + performance cênica], em torno da obra de Maria Gabriela Llansol. Escreveu e dirigiu o espetáculo Antes que você parta pro teu baile, a partir de textos de Ana Cristina Cesar. Escreveu e dirigiu o curta-metragem Por onde se entre. Integra o coletivo Pira-Poesia, de experimentações poéticas audiovisuais.

Eleonora Fabião é uma artista que realiza ações. Desde 2008 performa nas ruas. Se interessa por poéticas e éticas do estranho, do encontro e do precário. Trabalha com matérias diversas: humanas e não-humanas, visíveis e invisíveis, leves e pesadas, estético-políticas.

Fabiano Calixto é poeta, nascido em São Paulo. Tem publicados 10 livros de poesia, dentre eles o recém-lançado “Fliperama”, da Editora Corsário-Satã, comandada por ele e pela também poeta Natália Agra.

Além de poeta, Calixto é crítico de literatura e tradutor, tendo também publicações importantes em ambas as áreas.

Flávio Henrique (Belo Horizonte, 1968 – Belo Horizonte, 2018) foi um cantor, compositor, tecladista e pianista brasileiro.

Gabriela Abdalla é designer gráfica e DJ aposentada.

Gabriela Luíza é atriz de formação, mas sempre frequentou os bastidores da cena. Como iluminadora, viveu em São Paulo criando projetos luminotécnicos para diferentes linguagens. Transitando entre o cinema, o teatro e a performance, hoje, de volta a Belo Horizonte, investiga as dinâmicas da videoarte como saída de construção narrativa.

Glauco R. Gonçalves dedica-se ao estudo e à pesquisa dos desvios, degenerescências e derivas urbanas. Tem trabalhos sobre o direto à preguiça. Mergulhador de escombros urbanos. Garimpeiro de pequenos te(n)sões da vida cotidiana. Quando não pode fazer nada disso, é professor da Universidade Federal de Goiás e doutor em Geografia Urbana pela USP.

Guilherme Del Debbio é psicólogo clínico, psicanalista e amante das letras.

Iakima Delamare é jornalista, crítica e produtora de cinema.

José Leonilson (Fortaleza, 1957 — São Paulo, 1993) foi um pintor, desenhista e escultor brasileiro.

Joviano Maia é arte-educador, advogado popular, mestre e doutorando em arquitetura e urbanismo pela UFMG.

Lina é o nome que A Voz escreve.

Lisley Braun é psicanalista.

Luiz Fortini é graduando em Artes pela UFF e vive isolado em Belo Horizonte.

Manu Julian, artista visual em formação pela FAAP. Paulista, ainda reside em SP. Trabalha também como vocalista das bandas Ferne e Pelados.

Marcelo Castro é um artista da cena. Desde 2016 pesquisa poesia brasileira contemporânea e seus possíveis diálogos com a performance. No teatro, desenvolve seu trabalho em parceria com diversos artistas e companhias teatrais brasileiras.

Maria Trika é artística plástica, cineasta, crítica de Cinema, poeta, pesquisadora e ex-aluna do Casa Viva.

Manoel Ricardo de Lima nasceu em Parnaíba, no Piauí. É filósofo, poeta e professor da Escola de Letras e do PPGMS da Unirio. Publicou, entre outros, Pasolini: retratações [com Davi Pessoa]; Avião de alumínio [com Júlia Studart]; Maria quer o mundo; A forma-formante: ensaios com Joaquim Cardozo, Geografia Aérea; As

mãos; Falas inacabadas [um livro-transparência, com Elida Tessler]. Seu mais recente livro, o método da exaustão, está sendo lançado em agosto de 2020, pela Garupa Edições.

Maraíza Labanca é escritora e conduz oficinas de escrita no Espaço a' mais. Publicou os livros: Refratário (2012), Rés – livro das contaminações (2014, com Erick Costa), Partitura (2018) e Exceto na região da noite (2019). Tem doutorado em Estudos Literários pela UFMG e é também uma das editoras da Cas'a edições.

Marília Garcia (Rio de Janeiro, 1979) vive e trabalha em São Paulo. É poeta e tradutora. Publicou, entre outros, os livros Parque das ruínas (Luna Parque, 2018), Câmera lenta (Companhia das Letras, 2017, Prêmio Oceanos de Literatura) e Engano geográfico (7Letras, 2012).

Marina Baltazar é mestranda em Estudos Literários pela UFMG. Formada em Letras pela mesma instituição. Pesquisa a obra de José Leonilson.

Marina Gazire é curadora, jornalista freelancer e mestre em comunicação. Atuou como professora universitária entre 2010 e 2018. Atualmente pesquisa animação e feminismos.

Marina Rima é geminiana e é poeta. Pesquisa e dá aula.

Mauro Figa é fotógrafo, pesquisador, professor e faz parte de um monte de projetos bacanas em BH.

Olga é dançarina no Helena Markos Tanzgruppe.

Paulo Eduardo Bittencourt nasceu e criou-se em Belo Horizonte e é estudante de pós-graduação em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente com a ocupação de professor, sua carreira como ensaísta e escritor está, ainda, como uma semente a germinar mundo afora.

Pio Vargas (Iporá, 1964 – Turvelândia, 1991) foi um poeta goiano.

Randolpho Lamonier é um artista visual brasileiro. Nasceu e cresceu em Contagem/MG em 1988 e se mudou para Belo Horizonte em 2012, onde se formou no curso de Artes Visuais da EBA-UFMG no ano de 2018. Entre a periferia industrial de sua cidade natal e outros grandes centros urbanos por onde tem passado, Randolpho desenvolve seu trabalho através de diversas mídias e processos entre os quais se destacam a arte têxtil, fotografia, vídeo, desenhos, textos e instalações. Randolpho vive entre Paris e Contagem, Berlim e Betim.

Rita Pestana é formada em Cinema pela Escola de Cinema de Lisboa. Vive entre o Brasil e Portugal há quase dez anos. Atua principalmente como montadora de filmes de Cinema e também ministra oficinas em audiovisual.

Roberto Medeiros é psicanalista, residente em Belo Horizonte, com formação clínica nos Fóruns do Campo Lacaniano de Fortaleza e Belo Horizonte. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Prefere se entender como um estudioso e curioso da obra de Giorgio Agamben e outros filósofos, como Michel Foucault, e não tanto um pesquisador. Gosta de fotografar quando dá na telha.

Rodrigo Brum é cineasta e pesquisador, atualmente morando no Cairo. Tem mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrado em cinema, vídeo, novas mídias e animação pela School of the Art Institute of Chicago. Recentemente, dirigiu o seu primeiro documentário, Like Someone Who Hears a Very Sad Song (em pós-produção), filmado em Cabo Verde, onde viveu quase um ano. No Cairo, ele faz parte da equipe da produtora Ambient Light. Brum ensinou filosofia e cinema em instituições no Brasil, Estados Unidos, Cabo Verde e Egito.

Susanna Kahls é um heterônimo de Paulo Raic. Hoje vive na Alemanha, reclusa, mantendo contato única e exclusivamente com seu ortônimo para troca de textos e nada mais.

Tereza é filha de Rimenna e Gabito.

Thálita Motta é geminiana com vênus em câncer que se dedica ao campo do teatro como pesquisadora, diretora criativa e pau-para-toda-obra na direção de arte. Vem se aventurando de mansinho como dramaturga desde os sete anos de idade. É doutora em artes pela EBA/UFMG e professora no Cefart/Palácio das Artes. Colabora em vários coletivos, dentre eles, o Coletivo Transborda e o Mulheres Encenadoras, em Belo Horizonte.

Waly Salomão nasceu em Jequié (BA), em 1943. Foi poeta, letrista e artista visual. Dirigiu espetáculos como Gal fatal – A todo vapor. Teve poemas musicados por artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, João Bosco e Adriana Calcanhoto. Faleceu em 2003, no Rio de Janeiro.

crédito das imagens

p. 10

fotografia de victor galvão

p. 20

fotografia de carlos hauck

p. 28 e 31

fotografias de carina s. gonçalves

p. 54

fotografia de breno henrique

p. 72

fotografia de roberto josino

p. 80

fotografia de paulo raic

p. 85

fotografia de pedro rena

p. 93

fotografia de randolpho lamonier

p. 96

desenho de luiz fortini

p. 100

pintura de manu julian

p. 104

fotografia de benedito ferreira

p. 114

fotografia de carol macedo

p. 123

fotografia de dora bellavinha

p. 141

frame do filme *ângelo*, de mariana machado

p. 150

desenho de maria trika

p. 159

fotografia de marina mattar

